

# BRASIL-PORTUGAL

1 DE NOVEMBRO DE 1902

N.º 91



CAPITÃO DE MAR E GUERRA

**Luiz Antonio de Moraes e Sousa**

*Comandante do cruzador D. Carlos I em missão especial ao Brasil,  
por ocasião da posse do presidente dr. Rodrigues Alves*

# Política Internacional

O acontecimento da quinzena, que a todos sobrevive, pela importância excepcional que vem assumindo, são as *grèves* dos mineiros na França e nos Estados Unidos. Em qualquer dos dois países não se trata apenas de uma questão particular entre operários e patrões, de que o estado se deva desinteressar. Pelo contrário. Tanto na Europa como na América o problema é muito mais complexo, e demanda da parte dos respectivos governos especial cuidado e prudente cautela para não serem envolvidos na luta, que se devem esforçar por circumscrever, em vez de agravarem com irreflexiva intervenção. Já aqui n'estas mesmas colunas por mais de uma vez o discutimos: a questão do operariado vai ser a questão dominante do século xx, e toda a política internacional tem de reserir-se da entrada em scena d'este novo factor, com que a diplomacia da escola classica não conta. Do momento em que pela *grève* as classes trabalhadoras desceram o ponto vulnerável da actual organização politico-economica da sociedade, pôde affiançar-se que as antigas classes dirigentes foram virtualmente despojadas do poder descriptivo, que até aqui tem exercido. De que servirão, com effeito, amanhã exercitos, policia, legislações de excepção, pedindo a força incontrastavel da *grève* geral, que está ensaiando nos diversos países e em suspensões parciais de trabalho os seus golpes decisivos?...

Para a situação internacional dos diversos estados tambem as reivindicações do operariado são de importancia capital. Não contando já com a modificação infallivel, que na orientação da politica externa o advento das classes trabalhadoras á vida publica ha de por força produzir, é indubitavel que a ameaça de uma *grève* geral, sempre sustinida como espada de Damocles sobre todos os governos, tende naturalmente a enfraquecer-lhes a acção internacional, pela falta de confiança nas forças, que até aqui apoiavam cega e incondicionalmente as reclamações da diplomacia. Que nação de hoje em diante se aventurará n'uma guerra offensiva, como essas que Bismarck empreendeu para a unificação da Alemanha, sabendo que dentro das suas proprias fronteiras pôde de um momento para o outro estalar uma *grève*, que inutilize todos os planos de conquista e transforme em completa e absoluta impotencia a força de que o governo julgava poder dispor? Dir-nos-hão que o patriotismo impedirá, sempre, que n'um dado paiz as classes trabalhadoras tomem semelhante posição. Mas se se attender a que em todos os povos o internacionalismo vai cada vez mais modificando o antigo modo de ver nacional, chegar-se ha ao convencimento de que a hypothese, que formulamos, terá mais cedo ou mais tarde certissima realisação. E não assistimos nós a um prenuncio d'este movimento na attitude dos socialistas allemães por occasião da guerra franco-prussiana? Passou-se isto ha trinta annos. Quem pôde prever o que hoje acontecerá, se uma nova guerra se declarasse entre as duas nações?...

Annuncia-nos á ultima hora o telegrapho, que a *grève* da Pensylvania está terminada graças á energica intervenção do presidente Roosevelt, poderosamente auxiliada pela influencia do millionario Pierpont Morgan. O accordo obteve-se, segundo os telegrammas recebidos, pela adjução de um sexto arbitro aos cinco já nomeados, sendo este sexto tambem nomeado pelo sr. Roosevelt. Por este lado e por agora está conjurado o perigo. Na França, porém, a situação permanece estacionaria, não se tendo podido chegar até agora a uma combinação accetavel entre operarios e patrões. Acreditamos, apesar d'isso, que aqui se ha-de chegar a solução analogá á que na America restabeleceu a paz entre as duas partes. Simplesmente essa solução, de caracter eminentemente provisorio tanto n'um como n'outro paiz, em causa alguma modifica o que no começo d'este artigo escrevemos. O operariado universal encontrou uma arma, com que n'um momento dado pôde fazer capitular os seus adversarios ou antes os seus antagonistas no campo economico. Essa arma ha-de empregar-la, queram ou não os proprios para a encontrarem e aquellas contra quem ella é dirigida. Está na logica dos acontecimentos, telegrammas determinante da fatalidade da historia. Não ha que resistir-lhe. E' um bem? E' um mal? Não o sabemos. E' um facto, e tanto basta para que devamos contar com elle nas nossas previsões.

Em França a revolta do operariado por meio das *grèves*, cada dia mais frequentes e mais exigentes nas suas reclamações, constitue um episodio da grande luta, que ali se fez entre a velha organização social e as aspirações das camadas novas. Na America o movimento accentua-se como protesto contra a concentração do regimen capitalista sob a fórma dos *trusts*, que n'estes ultimos tempos tem agambarrado toda a actividade industrial da União. Vê-se, portanto, que em qualquer dos casos as causas de perturbação não só são muito complexas, mas tambem muito profundas. Uma politica de resistencia intransigente nada pôde fazer para a solução d'esta questão magna, que pouco a pouco vai passando para o primeiro plano, e vai absorvendo todas as attentões.

Apesar d'isso, porém, a diplomacia não desarma, e atravez das preoccupações originadas pela crise aguda da politica em França, acaba ella de realisar um tratado, que é mais um acto da questão do extremo-Oriente, a qual lentamente e com diversas peripcias se vai ha alguns annos desenrolando aos nossos olhos.

O tratado, a que nos referimos, é o acabado de assignar entre a republica franceza e o Sião, para a regularisação das questões de fronteiras pendentes entre os dois paizes, e desagradaveis, senão perigosas, sob mais de um aspecto para ambos. Não é facti por ora apreciar com segurança o alcance da convenção negociada pelo sr. Delcassé. Na propria França as opiniões estão divididas a este respeito. Os amigos do governo proclamam que ella representa um grande triumpho diplomatico para o ministro dos negocios estrangeiros. Por outro lado um estadista tão prudente e tão conhecedor do assunto, como o sr. Gabriel Hanotaux, predecessor do actual ministro, prova n'um artigo, que tem feio sensação, que o tratado, embora tivesse sido até certo ponto imposto pelas circumstancias, significa o abandono definitivo do alargamento da influencia franceza no Sião. A França recebe, é verdade, as provincias de Meluprey e Banak, assim como uma porção ainda da provincia de Ankor, mas obriga-se a evacuar a cidade de Chantabun e o correspondente territorio, perdendo por esse facto o accesso para Bangkok e deixando de dominar a entrada do Mekong. A margem direita d'este rio fica pertencendo ao Sião, e embora elle não possa nas guarnições estacionadas n'essa margem empregar tropas estrangeiras ou mesmo officaes, que não sejam siamezes, facilmente se comprehende como semelhante clausula é aleatoria para a França, além do perigo latente que encerra de eventuales complicações no futuro, que não ficam arredadas, como se vê, com o tratado em questão.

A imprensa ingleza com o *Times* á frente louva sem reserva o acto diplomatico realiado entre os dois paizes, n'um dos quaes de resto a Inglaterra tem tão importantes interesses a defender. Que significa esta approvação incondicional, sublinhada com a publicação da noticia de que o gabinete de Londres está tambem pelo seu lado negociando uma convenção com o Sião? Affigura-se-nos que a attitude tão benevola da Grã-Bretanha para com o que em Paris os amigos do governo proclamam como uma grande victoria do ministerio representa comentario nada tranquilizador para a habilidade diplomatica do sr. Delcassé, ou pelo menos para as condições especiais em que o ministro dos negocios estrangeiros francez teve de negociar. E' fora de duvida que por uma razão desconhecida para o publico e bastante poderosa a França teve de recuar perante o Sião, qualquer que seja a compensação que ella recebe para encobrir a desistencia das suas pretensões. Que razão foi esta? Não pôde ter sido outra senão a attitude do Japão. Depois da alliança anglo-japonesa o imperio do Mikado tem accentuado a sua politica continental, cujo primeiro passo foi a guerra com a China e o tratado de Shimonoski, que a França, e Russia e a Alemanha obrigaram a rasgar. Este tratado, como se sabe, a Corea passava de facto para o dominio japonex. Enquanto o Japão se viu isolado em presença da colligação, que o havia despojado do fructo das suas victorias, teve de resignar-se, addiando para mais tarde a execução do programma, que tão indispensavel lhe é para poder viver como nação independente. Logo, porém, que conseguiu por uma habil manobra diplomatica ligar a si a poderosa Inglaterra, principiou novamente a levantar a cabeça, alargando ainda mais as suas pretensões com respeito ao vizinho continente asiatico.

Assim, ao norte affirmou o seu proposito de não consentir que a Russia se estabeleça na Corea, que pela sua parte os negociantes e os industriaes japonezes estão inundando com os seus productos e envolvendo nas malhas de uma influencia cada dia maior. Ao sul dirigiu as attentões para o Sião, um paiz que d'entre todos os povos asiaticos melhor se presta á sua propaganda, melhor pôde aproveitar com as suas lições e por conseguinte melhor pôde abrir-se á sua influencia politica. O Japão tem mandado para o Sião numerosos instructores militares, e até contingentes de tropas para servirem de quadro á reorganisação das tropas siamezas. Quer dizer, dentro em pouco, imitando o exemplo da menor, que he tomou conta da educação militar, o Sião encontrar-se ha com um exercito, extremamente disciplinado, armado á moderna, e disposto de todos os meios de ataque e defesa. E por detraz d'esse exercito a sombra do Japão, e em plano mais recuado, mas ainda assim bastante visivel, o contorno nitidamente esboçado da alliança anglo-japonesa, prompta a acudir ao primeiro chamamento do seu novo tutelado. Foi isto o que a França viu, e foi diante da eventualidade, que he tomou conta da educação militar, preparando, que ella recuava. Como se vê, nem tudo são rosas para a republica franceza na sua alliança com a Russia. Não ha duvida de que o Japão cedo ou tarde porá pé no Sião, levando pela necessidade imperiosa de encontrar terreno asado no continente fronteiro para a sua expansão economica. Apartado cada vez mais nas suas estreitas ilhas, que já não comportam acrescimo de população, o imperio tem que sair d'ellas, custe o que custar, sob pena de estiolamento certo. Mas não ha duvida tambem de que a attitude da França, transportando para o extremo-Oriente o pacto, que a ligava á Russia na Europa, e portanto ajudando esta ultima potencia nos seus planos contra a Corea, contribuiu para apressar o Japão a tomar no territorio siamez uma posição estrategica, que na primeira occasião lhe pôde servir para ferir no flanco a alliaça do imperio russo.



## El-Rei, Portugal, Brasil.

A imprensa jornalística, que tanta vez é exaggerada, d'esta foi deficientíssima: não poz em relevo o que ha de delicado, de alto e de patriótico, no acto de El-rei. Nem sequer chegou a frisar que se se não tivesse dado esse acto da vontade regia, Portugal ficaria n'uma situação melindrosa, para outro qualificativo lhe não dar, perante o Brasil, perante os portuguezes que do Brasil fizeram a segunda patria. El-Rei salvou a situação — não ha formula nem mais justa, nem mais exacta.

Se El-Rei não dispensa do seu serviço em Inglaterra o cruzador *D. Carlos*, Portugal não se faria representar pela sua marinha de guerra nas festas com que todo o Brasil vae saudar simultaneamente a implantação do seu novo regimen politico e o advento á presidencia da Republica do homem illustre que escolheu para presidir aos seus destinos. Foi o acto magnanimo de El-rei, foi a patriótica decisão da sua vontade, que venceu os obstaculos e resolveu um problema, cuja gravidade não podia ser contestada. El-rei viu a situação, mediu-lhe o alcance, e resolveu-a. Eis tudo.

Pois qué? Era lá possível que Portugal deixasse de se associar por uma fórma bem publica, bem evidente, á mais nacional, á mais gloriosa festa que vae celebrar essa nação tão afastada de nós pela distancia e tão proxima pelo sangue, pelo affecto, pela vibração da mesma linguagem, pelas affinidades da mesma raça? Pois Portugal havia de escolher para esta descortezia este momento em que o Atlantico está sendo sulcado pelos navios de guerra que vão levar ao Brasil a saudação festiva de outras nações da Europa?

Podia lá dar-se com a aquiescencia do Rei, do governo e da nação, a incoherencia politica, o absurdo diplomatico, que resultariam da nossa ausencia do Brasil no momento em que o novo Presidente toma posse da sua alta magistratura, em contraste com a nossa presença em quasi todos os portos brasileiros quando era investido das mesmas funcções e cercado das mesmas honras o Presidente que deixa hoje o seu posto honradamente, com a consciencia de ter nobremente cumprido o seu dever, de ter bem servido a sua patria?

Era lá possível que se perpetrasse este delicto governmental, que

outra cousa não seria o facto de melindrarmos o Brasil e o seu novo governo no momento em que procuramos por meio de negociações diplomaticas um regime commercial que dê aos interesses conjugados dos dois paizes a possivel reciprocidade? Havia lá de consentir-se esta atrocidade nacional: deixar dois milhões de portuguezes, que lá vivem, expostos ás accusações justificadas, aos desdens, ás vaías, á irrisão, ao desprezo, á vergonha de serem filhos de um paiz que tão erradamente comprehendia os seus deveres!

Previu tudo isto El-rei, mediu todas estas responsabilidades, e onde o governo não podia ir, elle foi. Sabe Deus com que concentrada magoa o governo portuguez se viu na collisão de declarar publicamente que Portugal se não faria representar pela sua marinha de guerra nas festas de 15 de novembro! E, para mais, a dolorosa necessidade de calar a verdade, de não declarar o motivo de tamanha falta, que poderia ser levada á conta de descortezia e até para muitos seria tomada como prova de relações tensas, o tristissimo dever de não dizer a todo mundo que na armada portugueza não havia um navio disponivel para mandar ao Brasil!

Foram os termos todos d'esta equação complicada, foram todas as responsabilidades d'esta conjunctura grave, que El-rei viu n'um relance. E ver tudo isto era ver a Patria, de que elle estava ausente, e remediar todo este mal era prestar um serviço de rei e de portuguez. E esse alto serviço prestou-o de sua iniciativa, sem uma hesitação. E o cruzador *D. Carlos*, o primeiro navio da nossa marinha, preparado para ir a Inglaterra receber as ordens do soberano portuguez, lá vae caminho do Brasil, levando desfraldada a bandeira nacional. E lá vão á sombra d'ella os nossos marinheiros dizer a brasileiros e portuguezes que a patria vive, que a patria os não esquece, que exulta com as suas glorias, e a todos elles manda o seu coração nas dobras da sua bandeira gloriosa.

JAYME VICTOR.



# A posse do presidente Dr. Rodrigues Alves



CARLOS ERNESTO GONÇALVES TEIXEIRA  
Capitão de fragata,  
Imediato do cruzador D. Carlos I



JOÃO FRANCISCO DINIZ JUNIOR  
1.º tenente



ARTHUR JOSÉ DOS REIS  
1.º tenente



APOLÔNIO B. DA SILVA RODRIGUES  
1.º tenente



JOAQUIM D'ALMEIDA HENRIQUES  
2.º tenente



AUGUSTO PEREIRA DO VALLE  
1.º tenente



EDUARDO DO COUTO LIPPI  
2.º tenente



JOAQUIM DA COSTA FERNANDES  
Machinista de 2.ª classe



ANTÔNIO AUGUSTO DE SOUSA  
Machinista de 1.ª classe



ANTÔNIO VIEGAS PAULA NOGUEIRA  
Machinista de 3.ª classe



DR. ABEL BARRETO DE CARVALHO  
Médico



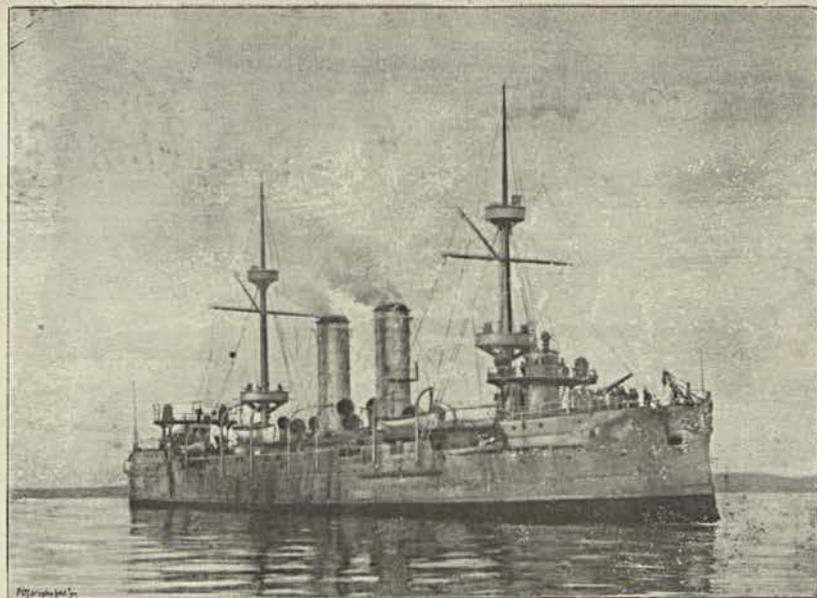
JOSÉ CAETANO DINTRA  
Comissário de 3.ª classe



FERNANDO AUGUSTO DE CARVALHO  
2.º tenente



PEDRO FRAÇOÇO DO RIO CARVALHO  
2.º tenente



O CRUZADOR D. CARLOS I

São estes os illustres officiaes que constituem a guarnição do cruzador *D. Carlos*, que vae caminho do Rio de Janeiro, a prestar a homenagem dos sentimentos affectuosos da nossa patria, para com a Republica dos Estados Unidos do Brasil, por occasião das festas que vão realizar-se ali pela posse do Presidente Dr. Rodrigues Alves.

A redacção.

# Atravez da arte

## A estrella da França

Olhe essa França para a linda estrella  
Que o Bussaco lá ergue triumphal;  
Esmeralda de Nero, atravez d'ella,  
O mundo pode olhar p'ra Portugal.

Como este sol de gloria sabe enchel-a! ...  
Acesso n'ella todo o nosso ideal,  
Sentimo-nos tão grandes como é bella  
A soberba estrelinha de crystal.

Olhae, p'ra o alto do Bussaco, olhae!  
O punhal que brandis sobre a adorada  
Patria nossa é sobre vós que cae!

Terra sagrada e bella entre as mais bellas,  
N'esta tira de terra abençoada  
Até do vosso mal nascem estrellas!...

## Anthero

(11 de setembro)

Data da morte do divino Anthero! ...  
Ensombrado este dia de verão,  
Cae dos seus versos todo o sol que espero  
E as rosas á sua voz rompem do chão.

Que entre nós anda ainda esse que eu quero  
N'um altar para a minha devoção,  
Onde se leve todo o desespero,  
O ceu p'ra todo o que o mereça ou não.

Matou-se? Não, matou-o a sua fé!  
Ao cimo do Calvario fica a cruz,  
E os que vivem d'amôr morrem de pé.

Grande a nossa alma, o nosso seio estreito,  
E' logico morrer, como Jesus,  
Com a cabeça sobre o proprio peito.

## Bailundo

Nem morrer devagar já nos é dado!  
Victorias sempre, sempre rija a mão,  
Com Nun'Alvares sempre ao nosso lado,  
A bandeira inimiga pelo chão!...

Como isto cança! No meu peito anciado  
Alarga-me este sonho o coração:  
Mais uma vez ser louco e desejado,  
Morrer ao pé de D. Sebastião.

Aljubarrota? Alcacer? Toda a vida! ...  
Por um momento a escuridão d'um poço  
Dá vertigens heroicas p'ra a subida!...

A gloria sempre, nada ha mais no fundo?...  
Um barco sobre o mar e o mar foi nosso!  
Mais um sonho e é nosso todo o mundo!

## As Aves<sup>(1)</sup>

(A Leão XIII)

Deixa-as fugir, partir ao sol contente,  
P'ra a liberdade que tu tens e eu,  
Que Deus é tanto, como o sol ardente,  
P'ra nós como p'ra a ave que o entendeu.

Disse Jesus: — «qu'importa que a semente  
Caia na terra ou n'um rochedo seu?!  
Na terra fertil alimenta a gente  
Sobre um rochedo nu aves do ceu.»

Do ceu, meu Padre: são do ceu, portanto! ...  
Tu que sabes ouvir todo o gemido,  
Deixa-as erguer a Deus todo o seu canto!

Os astros é que são as suas casas...  
E para os anjos virem ter contigo  
E-te preciso restituir-lhe as azas.

## O castello d'Osborne

Mudado em hospital esse castello,  
Como elle fica bem mais bello e forte! ...  
Ninguém agora poderá vencel-o,  
Assente para a vida e para a morte.

Erguido por um príncipe, consorte  
D'uma rainha, esse palacio bello,  
Entre a paisagem aspera do norte,  
Ninho d'amor, continuará a sel-o.

Que bêm dirá o pavilhão real  
Sobre o lindo castello d'Inglaterra,  
Que um bom rei transformou n'um hospital!

Remorso do Transwaal que por lá anda! ...  
E se Deus entra assim n'aquella terra,  
Deus ha-de um dia proteger a Irlanda! ...

GUEDES TEIXEIRA.

(1) «Na sala preferida por Leão XIII está installada uma grande gaiola cheia de passaros variadissimos.»

Novidades.



# A ARTE EM PORTUGAL

## Um grande artista

Por vezes, em dissertações mais ou menos eruditas se tem pretendido demonstrar que Portugal no meio da geral evolução artística se conservou estacionário sempre, sem manifestar-se capaz de constituir um núcleo d'arte própria de valor apreciable.

Nada mais injusto e infundado, visto que, semelhante conclusão se não pôde firmar em argumentos demonstrativos, de valor, nem em documentos de tradição que tendam a denegar ao genio nacional qualidades e aptidões que o ponham a par de todos os povos cultos do mundo.

Pelo contrario, muitos dos mais preciosos padrões tradicionais d'arte, que constituem o nosso thesouro monumental, chegaram até nós, como brilhantes demonstrações de predisposições excepcionaes de raza, que poderiam levar-nos a occupar primado lugar no meio da evolução geral, se circumstancias ponderosas filiadas na heretica epopeia que firmou a nossa nacionalidade e independencia, não houvessem por vezes em absorvente predominio, arrastado o genio portuguez a dedicar-se de preferencia a mais rudes e laboriosas emprozas, sendo temporariamente de parte as naturaes tendencias artisticas.

E' certo, que enquanto nós com as osadas e cortantes prós das nossas impavidas galés rogvamos por mares desconhecidos emoldurando n'um luminoso cortejo de conquistas os primeiros fulgores da renascença, a Italia, a França e outros povos mais avançados no exclusivo culto esthetico, tratavam febrilmente de explorar os monumentos classicos da Grecia e Roma, embrenhando-se na corrente avassaladora do renascimento, creando nucleos de escolas d'arte, com que mais tarde haviam de deslumbrar o mundo.

Mas apesar da corrente dos successos impedir que o genio portuguez commungasse desde o inicio n'esse movimento laborioso d'arte, nem por isso ficou demonstrado para a posteridade, que no meio dos labores civicos da nossa nacionalidade fulgida deixassemos de accentuar em todos os ramos d'arte, as nossas innatas predisposições artisticas.

Se realmente como parece estar demonstrado, durante alguns rapidos periodos, nucleos artisticos estranhos se implantaram entre nós prestando-os no seu conurso civilizador, esse facto nada mais significa do que a tendencia expansiva e irradiante das varias evoluções artisticas, que transfundindo-se pelas nacionalidades imprimem uma vibração que é como que o fermento excitador do genio nacional, obrigando-o a commungar nos progressos dominantes. Nós como muitos outros povos, em presença d'esses factores de evolução artistica, fomos levados, primeiro a reproduzir e depois a produzir, erar ou nacionalisar, e assim chegamos logicamente ao individualismo, adquirindo recursos proprios até que entramos no movimento geral da evolução artistica.

Por essas razões summariamente indicadas, nós vemos que intimamente ligadas ás varias phases d'architectura, de que possuímos soberbos documentos, principalmente do periodo decorrido entre o seculo xv e o seculo xviii, se encontram soberbamente associados, valiosissimos exemplares da nossa actividade e laboração artisticas.

Quer na arte de ferraria em que fomos estimos, quer na de ourivesaria, imaginaria, estallador, marcenaria, carpintaria e muitos e muitos outros ramos de labor nacional com que guardamos e enriquecemos exuberantemente os monumentos de architectura religiosa e profana, deixamos valiosos e significativos attestados de que nós associamos, embora mais tarde do que outros, ao movimento civilizador do renascimento. Negar estes factos corresponde a contestar a evidencia.

Pode dizer-se afortunadamente que, em correspondencia immediata com os nossos melhores e mais felizardos periodos historicos se encontram, como emanções necessarias de tais periodos, os mais curiosos e typicos documentos d'arte e aptidões nacionaes, como que a materialisar em erupções de genio e trabalho, essas preciosas ephemerides que constituem o nosso inequalavel passado historico. Os laboriosos enquadramentos de preciosa talha de tradição ogival, com que ainda se veyem guarnecidos os altares d'algumas das nossas cathedraes; — os côros para rezar das horas canonicas; — os pulpitos, as balaustradas das naves, em fim todas essas complexas e buriladas estrophes de madeira, em que a concepção do artista se completava pela excepcional aptidão do artefice, consubstanciadas em geral no mesmo individuo, são bellas e preciosas demonstrações da productividade malceval do genio nacional.

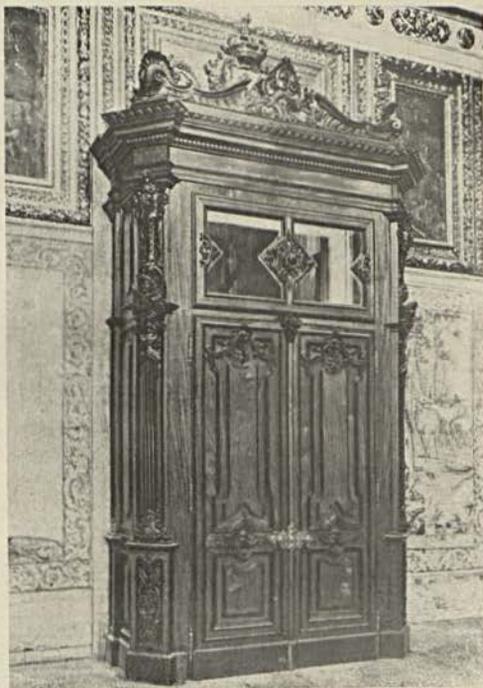
As admiraveis alfaias e guarnições religiosas, vasos sagrados, custodias, cruzes, castiçes e outros muitos primores de ourivesaria e cinzelagem, comprovam, na sua generalidade, que nas mãos dos nossos artefices e artistas tradicionais, os metaes preciosos, tomavam a plasticidade da cêra, recebendo docilmente as impressões do seu genio creador. E' certo que de toda esta pujante efflorescência artistica do nosso passado brilhante e cheio, pouco já nos resta, mas esse pouco é ainda assim valioso como attestado o documento brilhante do genio portuguez.

Deixemos pois a preoccupação pessimista e anti-patriotica de negarmos ao genio nacional facultades creadoras, temsiduo em vê-mos em todas as manifestações artisticas nacionaes, somente o reflexo de alheias escolas e influencias, como se fossemos absolutamente deherdados da genio a aptidões proprias.

Assim como para a nossa invejavel e invejada epopeia maritima, não tiveram os nossos mareantes escolas estranhas que os habilitassem a serem os primeiros navegadores do mundo, assim tambem o genio innato na raza portugueza pôde e pôde na maioria dos casos inspirando-se na grandezza épica do ambiente patrio crear ou nacionalisar valiosos padrões d'arte, sem a exclusiva dependencia de subsidios alheios.

A tradição brilhante, por vezes interrompida d'estas pujantes manifestações do genio nacional, fez a longa travessia de seculos, vindo até ao presente e justificando assim a lei historica da predisposição das razas. Os nossos artistas e artefices de hoje, apesar da teimosia opinão pessimista de muitos, continuam a demonstração de aptidões já longamente comprovada pelos que já pertencem á tradição patria.

Hoje como então, o genio e o trabalho nacionaes, impõem-se digna-



Guarda-vento na igreja da Madre Deus em Xabregas

mente, honrando o presente e o passado, com tanto que se lhes eria uma atmospherá grata e estimulante ás suas manifestações: — é precisamente isso que lhes falta, em regra, e por essa razão, quando apesar da ingratitude do meio, alguma individualidade de valor, consegue impôr-se ao apreo e reconhecimento da sua época, é porque realmente se afasta do ambiente anesthetico que a cêra, lactando e vencendo. Não é infelizmente, este predilecto muito vulgar entre nós, e pôde mesmo affirmar-se que é privativo de povos.

Arvorar á força de trabalho e naturaes aptidões, má industria moderna n'uma arte tradicional, fazendo com que ella caminhe e imparice junto das artes plasticas e de cooperação com ellas, é já por sua natureza facto soberbamente valioso e indicador de que o industrial, o artefice, pôde em muitos casos evolucionar até artista. E' d'um desses que hoje nos occupamos, consagrando-lhe porque o merece, um lugar de honra no *Branco-Portugal*.

Trata-se de um homem que á sua ferrea vontade, á sua orientação, ao seu muito merecimento, ao seu trabalho honesto e ao seu caracter, tudo deve. Operario laborioso e honrado, soube pelo trabalho impôr-se

aos seus eguaes e dirigentes; — do operario gerou-se o mestre, e n'uma evolução fideda no estado constante do seu officio, elevou-se ao mais prestigio e respeito das industriaes da sua classe, honrando-a pelos progressos continuos, e pelas laboriosas conquistas que n'ella introduziu.

Compreendeu a tempo, que, para que uma industria como a sua, se eleva, cresça e progrida, é necessario que com ella coopere e se funda o saber profissional d'um artefice illustrado, com a inspiração e sentimento d'um artista de genio; e por esta forma conseguiu imprimir aos primorosos trabalhos da sua officina uma nota suggestiva d'arte que os especialisa e distingue como modelares no genero. E foi por esta forma logica de honestissima labuta, que logrou attingir no nosso meio uma fama e reputação invejaveis. Tornou-se, dirigindo a sua officina modelo, o modelo dos industriaes-artistas; e como a sua actividade enorme e privilegiada aptidões para o trabalho, se não saturavam portas a dentro da officina, expandiu-se em nova e mais vasta esphera de cuidados e trabalhos, e tornou-se além de industrial e artista, em constructor dos mais eximios, meticulosos, e merecidamente conceituados. Quando uma individualidade n'um meio ingrato como o nosso, assim se eleva e consolida, só á força de trabalho honrado e de talento, ha como que a obrigação moral de todos nós, que mouremos nas rudes lides da



Detalhe de lambris e porta do gabinete d'El-Rei no Real Paço das Necessidades

arte e do trabalho, de lhe prestar o culto da nossa admiração e sympathia, apontando-a como um exemplo redemptor de tanta miseria deshonesta que por ali campeia, conspurcando tudo em que toca. Formada a sua reputação, começaram a ser disputados os seus trabalhos e serviços pelos mais meticulosos e difficeis de contentar, e cada novo encargo que tomou, foi um novo e honroso documento que juntou á sua brilhante reputação de profissional e de homem.

Seria longa a lista dos trabalhos que a prodigiosa actividade de Frederico Augusto Ribeiro, tem produzido; o estado, a Casa Real, e muitos dos mais ricos proprietarios do paiz, lhe tem confiado a execução de muitos e importantissimos trabalhos, cuja impecavel execução mais e mais lhe tem firmado os creditos.

De alguns hoje o *Brasil-Portugal* publica reproduções, e por ellas se pode ajuizar do seu grande valor como profissional e artista.

Rasgado na sua iniciativa, expedito, intelligente e honestissimo nos seus processos, elle tem sido por vezes em situações difficeis, o braço direito de muitos, que ao reconhecerem-lhe os serviços se inscrevem na lista enorme dos seus amigos e admiradores sinceros dos seus raros merecimentos.

Accresce ainda, que se na sua vida profissional e publica conquistou o direito de ser apontado como modelo, na sua vida de familia, elle se tornou no objectivo d'um culto dos seus; que e amam, que o adoram, e que o apreciam como devem ser amadas e apreciadas as rarissimas qualidades do seu caracter diamantino e affectuoso, só comparado em grandezza ao seu bello coração de ouro puro. Homem que um dia lhe prestasse um serviço, foi nome que se gravou na sua alma reconhecida e nunca mais de lá sahii. Quando simples operario ainda, houve um homem de talento e coração que o protegeu e lhe adalvou o valor; chamava-se Thomaz Bastos; já lá vão bastantes annos que a morte o roubou á convivencia dos seus amigos; — pois ainda hoje Frederico Ribeiro lhe não pronuncia o nome sem que o seu coração reconhece e grato se conturbe, nem que os seus olhos se não marejem de lagrimas.

Eis em rapidos traços as impressões que do longo convívio e dos bons serviços recebidos em cooperação dedicada, conservei d'esta privilegiada e prestigiosa individualidade, que é sem duvida uma das mais sympathicas do nosso meio, e d'aquellas que não só honram á classe a que pertencem, mas todas as que se lisonjeiam em a tratar por amigo; prezo-me eu de ser um d'esses.

ROSENDO CARVALHEIRA.

## Eu e as notabilidades litterarias

(Continuado do n.º 90)

Lá isso não! A esmola de um favor não a aceitavamos. Deixámos-lhe toda a liberdade de proceder, e fomos restituir a Palmeirim a sua plena liberdade. Luiz Filippe Leite despediu-se de socio, e eu nunca mais lá puz os pés.

Mas ah! Os descontentes, vindo a saber que a maior parte da edição já ia caminho do Brasil, choraram, generaram e tomaram a heroica resolução... de não fazer nada.

O Palmeirim ficou-se a rir, e deixou-os em paz!

Quando a empresa Biester incluiu nas condições do seu contracto um premio para o melhor original representado em D. Maria, foi nomeada, para dar parecer, em cada um dos tres annos, por que devia durar a adjudicação, uma comissão, de que faziam parte Luiz Palmeirim, já a esse tempo director do Conservatorio, José Maria da Silva Leal, um cavalheiro tão correcto no traje como nas maneiras, homem de muita erudição e de boas letras, que eu conhecera em Coimbra n'um alto cargo administrativo, e algumas vezes foi confundido com José da Silva Mendes Leal pela semelhança de nomes, e Pinheiro Chagas, que declinando o encargo, por estar então na plena actividade de dramaturgo, foi substituído por mim.

Excelente camaradagem, pleno accordo com os relatorios ou consultas que eu sempre redigi e que sempre foram accetados pelo ministro do reino, então Rodrigues Sampaio, e só houve, no ultimo anno, uma ligeira sensaboria, quando Cesar de Lacerda apresentou, como original, o *Asmodem*, representado com grande applauso, e nós repartimos o premio egualmente entre este auctor e Fernando Caldeira, que fizera representar não me lembro bem se a *Madrugada*, se a *Manilha de Ienda*, d'onde resultou uma leve contestação jornalistica, acabando o Sampaio por accetear o voto da comissão, porque o *Asmodem*, se não era de todo o ponto original no entreocho, era-o na forma, por ser escripto em verso.

Mas do contacto e do trabalho em commun, nasceu a idéa de organizar uma academia dramatica, annexa ao conservatorio, com vinte socios da classe de litteratura e outros tantos da classe musical.

Faríamos, emblemas distinctivos, prerrogativas, processos de admissão, direitos e deveres, tudo estava regulamentado, chegando a con-



*Gabinete de S. M. El-Rei no Real Paço das Necessidades*



*Sala de jantar no Real Paço da chancellella de Casars*

vocar-se uma assembléa magna, onde compareceram Mendiz Leal, Antonio de Serpa, Pinheiro Chagas, Thomaz Ribeiro, e não me lembro quem mais; mas como todos concordassem na idéa, que, sem sacrificio do thesoouro, assegurava vantagens ás artes scenicas, pose-se uma pedra em cima do projecto e nunca mais se falou d'isso!

Mas, se assim se extinguia uma boa iniciativa, não se extinguia a minha excellente amizade com Luiz Palmeirim, que, nas *Mulheres Portuguezas*, no *Portugol* e os seus detractores e por fim nos *Ezcentricos do meu tempo*, se affirmou escriptor de boa nota e de alta valia.

Já que eston com as mãos na massa, venha uma triste recordação, a proposito de Duarte de Sá, predecessor de Palmeirim no cargo de director do conservatorio.

Duarte de Sá, — o rei do ealemburgo, ou calimburgo, como Garrett queria que se aportuguesasse o vocabulo, — era o theatro com pernas e braços, de cha-tro com pernas e braços, de cha-tro, actor, ensaiador, professor, larynge privilegiada, dando todas as notas em todos os tons, gesto sempre apropriado, physionomia expressiva e ouvido musical dedicadissimo para a cadencia do dialogo, quando quiz fazer um methodo da arte de representar, poderia ter dito, parodiando Luiz XIV, *La methode c'est moi*. Aquillo era muito artistico, mas era intransmissivel, por absolutamente individual.

Quiz-me iniciar no segredo da

sua obra, e fixámos dias de entrevista. De uma vez, encontrando-me, desculpa-se muito por não poder estar á minha disposição no dia marcado, e indica outro, insistindo muito e muito, até com palavra de honra, que estaria todo o dia em casa.

Esteve... mas estendido no caixão!  
Nunca me recordei d'esta triste coincidência sem um terror supersticioso.

Depois da sua inesperada morte, Oscar May, hoje general reformado, ainda me propoz que coordenassemos os poucos escriptos do mestre e os completassem com o que sabiamos da ligão oral.

Puz-me á sua disposição, mas achei inutil á tentativa, porque as notabilissimas aptidões do morto, a sua instinctiva presteza em resolver difficuldades, de locução ou de contra-scena, e a ligão que derivava do seu conselho e do seu exemplo não possiam de modo algum fixar-se no papel pela escripta. D'esta convicção derivou de certo o abandonar-se o projecto.

Alberto Osorio de Vasconcellos, que, sendo furiel de infantaria n.º 7, me foi apresentado por Pinheiro Chagas, completou cedo o curso de engenharia, como estudante distinctissimo, e desde logo se affirmou escriptor de merito pelas suas vastas noções scientificas e litterarias, farta leitura dos bons auctores e conhecimento das linguas, a servirem um bom estylo, claro, terço e correcto.

Dentro em breve, Pedro Corroia, aquelle generoso escriptor acariador de todos os rapazes de talento e sollicito procurador dos seus interesses litterarios ou politicos, começou a attraill-o a si, e n'uma noite convidou-o a tomar chá.

Ora Osorio de Vasconcellos, que tinha a mais apurada delicadeza de sentimentos, sentia, em sua consciencia, que não possuia aquelle apuro de maneiras, aquella delicadeza convencional, com que muitos encobrem caracteres menos dignos e muitos outros conseguem fazer um figurão na sociedade; e como a franqueza ia ás mil maravilhas com a sua indole, exaggerou, propositada e systematicamente, a rudeza, que só illudia os que o não conheciam.

Chegando a banheira, Pedro Corroia pega no balle com o dedo minimo, e serve o Osorio, que lhe diz logo, sem o menor recato:

— Ai! o chá, não presta para nada!

O Pedro, que costumava sempre tomar chá do melhor e do mais cuidadosamente preparado, desfaz-se em satisfações, e para illudir o embaraço, offerece o assucarinho, e logo o inexoravel hospede commenta com um riso escarimbo!

— Diabo! o assucar não chega!  
O Pedro já não sabia de que terra era, mas ainda, com a correção fidalga que lhe era peculiar, toma o prato das fatias, e, antes de se servir, o Osorio põe as mãos na cabeça e exclama sentimentalmente:

— E de mais a mais, o pão é salio!

Eu não me pude conter que não desatasse a rir, o Pedro seguiu o meu exemplo e o Osorio não foi dos que ria menos.

Estava posto a descoberto o artificio e nós todos á vontade, ficando, desde logo, verdadeiros amigos.

Pouco depois d'esta scena, tinha Pinheiro Chagas o seu primeiro conflicto de honra, e era o Osorio comigo encarregado de nos entendermos com dois cavalheiros representantes de Estovanez, que fora ministro da guerra da republica hespanhola.

N'uma publicação franceza, lera Pinheiro Chagas apreciações sovrasiminas contra este, e em artigo do *Brasil*, jornal que se não distri-



*Frederico Ribeiro, desenhando no seu atelier*

buia no paiz, citou, transcreveu e reproduziu taes apreciações, quando alguém, havendo á mão um exemplar, o foi mostrar ao visado, então a banhos no Espinho.

Tres dias de cuidados, tres noites mal dormidas; e eu tive enjejo então de apreciar a circumspecção, a justiça de vistas e absoluta dedicação com que Osorio tratou a melindrosa pendencia, em que uma das testemunhas do adversario, hespanhol tambem, queria encontrar um ultraje a todo o partido republicano, que só com muito sangue se podia lavar; e como Osorio lhe obtemperasse que os partidos em nada eram chamados á questão, não tendo elle, republicano tambem, hesitado em accèptar o mandato de um monarcho, o nosso hespanhol, boquiaberto por tanta tolerancia, abandonou as iras e contou como o seu constituinte procurara logo o auctor do referido artigo para lhe pedir satisfação, mas não lograra encontral-o.

A partir d'alli, o nosso caminho estava traçado. Pinheiro Chagas, que não conhecia nada directamente dos actos do offendido, apenas se fizera echo de apreciações, que não vira refutadas ou castigadas, e por assim dizer haviam passado em julgado no tribunal da publicidade.

A redacção da acta é que constituiu a duvida pelos melindres sobre quem havia de falar primeiro, e eu ainda alivizei que se declarasse ha-

n'uns artigos em latim macarronico e n'alguns trocadilhos em italiano; o seu folhetto, por occasião da campanha litteraria, foi apreciado; tinha valor no romance começado a publicar, *A Galathea moderna*, e o volume *Batalhas Portuguezas*, mandado publicar pelo marquez de Sá, não sendo um livro para consulta de eruditos, é um trabalho de bom estylo para vulgarisar glorias, que nunca deviam ser esquecidas.

Os homens publicos, com Fontes Pereira de Mello á frente, estimavam-o e apreciavam-o, e velho Sampaio adorava-o, apesar de elle o haver classificado irreverentemente na especie zoologica *Sampadius rusticus pataque redonda*, e Barjona de Freitas ouvia-o com acatamento e seguia muito os seus conselhos.

Morreu muito novo, quando havia muito a esperar do seu talento amadurecido, e na politica, muito mais, do seu bom criterio e franqueza, podendo ter evitado alguns dos varios erros que se praticaram.

Sem ser uma notabilidade litteraria, fez notavel carreira nas letras esse bom Julio Cesar Machado, que pareceu sempre um rapaz a resfolar alegria por todos os póros e que, no seu intimo, era um triste e veiu a ter um fim tristicissimo.

Conheci-o em 1848, quando elle estudava francez com o Maupeyrin, e eu, rhetorica com o Antonio Caetano, no lyceu central, alli a S. Joáo



Um trecho do atelier de Frederico Ribiero

verem sido simultaneas as explicações, precedendo as nossas, apenas pela impossibilidade de se escreverem duas coisas ao mesmo tempo, mas depois, consultando nós Manuel Vaz, como autoridade na materia, disse-nos que tal expediente não era da praxe, devendo nós dizer primeiro, embora o que dissessemos derivasse das informações havidas sobre o procedimento do offendido.

Pinheiro Chagas, que era um homem de brios, tinha-nos dado plenos poderes, para assentarmos sobre qualquer solução, mas á nossa consciencia, diante do dilemma, posto apenas por mera subtiliza de apparencia precedencia na ordem das explicações, é que não poude hesitar, pelo que recebemos os agradecimentos do caracter dignissimo do nosso constituinte, as congratulações de muita gente séria, os applausos da nossa consciencia, tudo de mistura com algumas, embora raras, censuras de um falso e tonto brio nacional.

Desde esse lance, ficámos amigos intimos, como Osorio de Vasconcellos o sabia ser, não havendo esforço da sua influencia ou sacrificio proprio que não fizesse para servir aquelles a quem consagrava amizade.

Escreveu muito nos jornaes litterarios e politicos, e do mesmo modo que nos actos da vida particular tomava as apparencias de rude, tomou as de republicano na vida publica, conquanto lhe não faltasse certo orgulho aristocratico, a ostentar desvanecido as armas da familia na pedra do anel; foi orador, sem brilho, mas com fluencia e erudição, que se impunha ao auditorio; deixou nos exemplares de estylo faceto

Nepomuceno. Já n'esse tempo de rapaz tinha pretensões litterarias e fizera representar, no velho theatro do Salitre — depois christado em Variedades e por fim esmagado pela avenida da Liberdade, — uma comedia em um acto *Umaz calça de listra*.

E que os senhores typographos deixem lá estar aquelle r, que era assim que se dizia então, assim appareceu no cartaz e assim lhe manifestou o publico o seu desagrado.

Mas, apesar d'isso, quanto eu o invejei!

Depois, estive onze annos fóra de Lisboa e elle por cá ficou a sustentar nos folhetins da *Revolução de Setembro* Lopes de Mendonça, cujo talento se apagou cedo das trevas da loucura, a apresentar no genero alguns escriptos de merecimento, a fazer o milagre de viver exclusivamente das letras, e a receber o cognome de Jules Janin portuguez.

Quando regressesi, de prompto reatadas as relações, vim encontral-o na intimidade de Pinheiro Chagas, que o convidou para padrinho do primeiro filho, o meu amigo Raul, e então dizia o Julio Machado, com uma d'aquellas expansões alacres, que não deixavam ninguém triste ao pé d'elle:

— Ora ahí está! Accusam-me de commetter gallicismos, e com o primeiro affilhado que tenho obrigam-me a commetter mais um, porque Raul é nome de heroe de romance francez!

Excellentè caracter, muito honesto e honrado em todos os actos da sua vida, muito pouco expansivo para confidenciaes a quem quer que fosse as scenas do seu lindo romance de amor, muito trabalhador, para

viver modestissimamente, mas de cabeça levantada, algumas vezes, em palestras íntimas, me contou os motivos porque tinha de viver na boa roda, a semente alegrias, quando o seu desejo era viver esquecido na sua Durruiva, a ter de dizer bem de todos, para não crear inimidades, a não estabelecer intimidades facéis, para não colher ingrattides, a fugir sempre o sorriso e a alegria, quando mais quizesse arrancar a mascara, com que se disfarçava.

Depois, vieram os lances angustiosos, o epilogo tragico, e a sua memoria ter-se-ia apagado já, se Pinheiro Chagas, com piedade fraternal, não tomasse sobre os seus hombros, então robustissimos, a iniciativa de lhe erguer a estatuza sobre o manso no Alto de S. João.

Pobre Julio! que era digno de melhor vida e de melhor fim!

Alegre, verdadeiramente alegre, e sempre alegre, o Francisco Palha, que nasceu fadado para commandar exercitos de actores e atrizes, para dirigir batalhas sobre o palco, para captar sympathias de todos que tinha sob o seu commando e remover quantas difficuldades appareciam na vida da empresa theatral.

Começando por ser poeta, não perdeu nunca a gymnastica de metter correctamente, como o prova na *Estatuza* e depois nas *Cartas de além da campá*, que nunca chegaram a ser publicadas.



Um dos baixos-relevos do monumento a Afonso de Albuquerque — Tomada de Malaca

No seu primeiro livro de versos, inseriu a *Voz do cego*, dedicado a um official, que perdera a vista na acção de Torres Vedras, o onde se lia:

Dizem-me agora que é dia  
Os cantos do rouxinol.

Ora o rouxinol é das poucas aves canoras que cantam do dia e de noite, e por isso Filipe do Quental, que, depois de ser um trocista celeberrimo, se converteu n'um gravissimo lente da faculdade de medicina, ao ler o frontispicio do volume, *Poesias por Palha*, disse que houvera erro typographico ou falta de emenda nas provas, pois se devia ler *Palha por Poesias*.

Um bom dito apenas!

O iconoclasta da tragedia classica, a que deu golpe de morte com a sua celebrada *Fabia*, aquelle homem folgasão, vivendo as noites no theatro, sempre com a chalapa prompta e acorada, era nas horas da manhã, o mais grave e circumspceto dos funcionarios da direcção de instrucção publica, correctissimo no estylo, sabedor da lingua e dos seus segredos, mas, fóra do serviço burocratico, não havia quem com elle se medisse na ironia pungente, no sarcasmo, com que, na imprensa, verdescava os que se mettião com elle.

Entretivemos boas relações, especialmente quando foi da doença e morte da malograda Manuela Ray; mas como essas relações fossem mais sobre assumptos theatraes, do que propriamente litterarias, não cabem aqui.

Já disse que, em 1854, João de Deus não era conhecido como poeta,

e posso acrescentar que os seus primeiros versos publicados foram duas quadras a Byron, firmadas por um T e inseridas na *Estreia litteraria*, onde depois, isto é, ali por 1858, publicou poesias assignadas e algumas prosas gratiosissimas.

Verdadeiro bohemio, por da indolencia, perden repetidos annos por faltas, apenas derivadas da irresoluçã e desidia de ir á aula; mas desde o principio deixou ver que fulgia n'elle a luz do talento natural como o provou com o dr. Ferrer, quando, chamado á lição, que nem sequer lera, lhe disse com toda a audacia:

— Se me deixa ler uma linha, falo toda a hora.

Ferrer não gostava que os estudantes lessem e muito menos que fizessem objecções ao compendio de que era auctor, mas como apreciava as vivacidades do espirito juvenil, accedeu; e eis o João de Deus, a pôr devidas e a fazer reparos á doutrina, com mais artificio do que razão, mas deixando ver que não era um tolo.

Ferrer, o austero e carranculo, gostou, tanto que no fim do anno lhe disse que um estudante que fizera objecções ao seu compendio, não só podia ir fazer acto, mas podia ir seguro de que seria approved; e d'ahi em diante foi sempre o protector do grande cabula, chegando a ir buscá-lo á casa para o compellir a não perder mais um anno por faltas

Toçava deliciosamente a banza dos estudantes, compouso musica para ella, e desenhava muito bem, tanto que foi solicitado por uma das mais gentis damas de Coimbra para lhe desenhá o album.

Vencida a inercia, começou a desenhá um Christo, e como a dama pedisse provisoriamente o album para outrem escrever, e ao devolver-l'ho, lhe manifestasse desgosto pelo assumpto escolhido, João de Deus apagou tudo com a borraça e escreveu no fundo da pagina: *Surrexit, non est hic*.

Quando as lições, — que eram de uma hora, metade da qual destinada á preleção e o resto á chamada, — passaram a ser de hora e meia, o dr. Adrião Forjaz disse que, por não poder faltar uma hora consecutiva, chamaria ás lições no meio do tempo d'aula e logo João de Deus improvisa este epigramma, que teve mais notoriedade do que se fosse impresso:

Diz que é fraco, que só ora,  
Como out'ora, meia hora;  
Depois chama, depois ora  
Meia hora, até á hora.

Depois sumiu-se o João de Deus, com a sua carta de bacharel, e vim encontrá-o em Lisboa de grandes barbas e grande nomeada, como poeta e como auctor da *Cartilha Maternal*.

Tendo tido algumas relações em Coimbra, muitas vezes passámos hombro a hombro, na calçada da Estrella, sem nos conhecermos, e a final quando me disseram que era o já tío celebre João de Deus, come-

cei a cumprimental-o, ao que elle correspondia, continuando a não saber quem eu era.

Teixeira de Vasconcellos era escriptor de purissima linguagem, jornalista de pulso, conversador interessante, de mordacidade cruel, realçada pela sua tartamudez.

Deixou alguns romances de mediocre contextura, mas primorosamente escriptos, e foi, ao fazer a critica de um d'elles, na *Gazeta do Povo*, que estreei o meu pseudonymo de Christovam de Sá.

Por esse tempo, a critica litteraria não tinha meio termo, ou era a thuribulação nojenta do elogio mutuo, ou a verinha descabelada. Eu procurei alliar a cortezia á severidade, fundamenteando as censuras e adocando a phrase em que eram expressas; e talvez por isso Teixeira de Vasconcellos gostou do meu artigo e mostrou grande interesse em saber quem se escondia sob o pseudonymo.

Denunciando-me desde logo, ficámos com relações, mantidas no jornalimo e na politica, mas que eu nunca procurei estreitar.

Com João Ricardo Cordeiro, auctor dramático, de tal modestia que attingia a limites da timidez, convivi alguma coisa, especialmente quando Correia de Barros, com elle e com Manuel Rousado, se metteram a publicar um jornal, de que eu fazia a revista estrangeira.

O jornal teve vida ephemera, pela queda do ministerio que defendia, e quando se preparava o ultimo numero, como todos esperassem ansiosos a chegada do Rousado com as ultimas e decisivas noticias, o Cordeiro esteve-me consultando sobre doença, que, sem ser vergonhosa, tambem não era para se dizer minuciosamente em publico; e Correia de Barros foi escrevendo, por brincadeira, o sumario da consulta. Chega o portador das minhas noticias com a sentença de morte para o jornal, distraem-se as atenções, fala-se muito sobre o incidente e nesse meio tempo os typographos levam para a officina todo quanto original havia.

Uma noite, já iamos em retirada e já bastante longe da typographia, quando nos occorre o gracejo da consulta. Volta-se á officina a correr, e encontra-se a noticia já composta e paginada para entrar no prelo.

Mais um momento de descuido, e a doçoa do acanhadissimo João Ricardo era divulgada por todos os leitores da folha!

Ernesto Marecos é um exemplo vivo dos perigos que corre um rapaz, tímido e acanhadissimo educado. Quando o conheci, era elle creança e vivia com seu tio, administrador da Imprensa nacional, não miúdo, nem tímido, e encontra-se a noticia já composta e paginada para entrar no prelo.

Mais um momento de descuido, e a doçoa do acanhadissimo João Ricardo era divulgada por todos os leitores da folha!

Ernesto Marecos é um exemplo vivo dos perigos que corre um rapaz, tímido e acanhadissimo educado. Quando o conheci, era elle creança e vivia com seu tio, administrador da Imprensa nacional, não miúdo, nem tímido, e encontra-se a noticia já composta e paginada para entrar no prelo.

Mais um momento de descuido, e a doçoa do acanhadissimo João Ricardo era divulgada por todos os leitores da folha!

tura por eu ter a audacia de publicar versos affectivos e sentimentaes, que elle tambem fazia, mas guardando-os só para os intimos, para dar aos indifferentes a chocarreira e o riso.

Ficm-se lá em poeticas satyricos!

Com Ernesto Bisster, que havia tomado de arrematação o fornecimento de dramas para D. Maria, tive tantas relações como toda a gente; nunca conheci Soares de Passos, o mais mimoso de todos os nossos poetas elegiacos modernos, nem Julio Diniz, o malgrado e delicadissimo cultor do naturalismo, nem Arnaldo Grams, valioso romancista historico; falei uma vez com Augusto Lima, o poeta da quadra singela, e outra com Pereira da Cunha, o mais delicado dos homens e dos poetas; a cabeça do valioso prosador Silva Tullio já andava desafiada, quando comeci a conhecê-lo pessoalmente; tive poucas relações com Gomes de Amorim, que, depois de vida accidentadissima, encontrou a morte nas consequências de inundação... n'um quarto andar; troquei affectuosas sympathias com o desditoso Gonçalves Crespo, tão cedo roubado á poesia e á gloria; nunca vi Anthero do Queiral; apenas cumprimentava Oliveira Martins; nem cumprimento trocava com Eça de Queiroz; e como Deus me livre de falar dos vivos, tenho quasi concluída a minha tarefa.

(Continúa.)

A. M. DA CUNHA BELLEZ.

Damos hoje o primeiro dos quatro baixo-relevos do monumento erigido a Affonso de Albuquerque e a proposito, vimos dar os retratos dos tres representantes das familias nobres descendentes do Albuquerque, os *era*. Conde de Mesquitella, Marquez de Pombal e D. Fernando de Noronha, auctores de varias cartas publicadas nos jornais sobre qual dos seus ramos era o verdadeiro representante. Apurou-se que descendente de Affonso não é nenhum. A familia Noronha (Angéja) representa em verdade a familia Albuquerque a que pertenceu o grande capitão, e em pose das duas outras como a Mesquitella e a Pombal existem hoje vinculos registrados por Affonso de Albuquerque.

## Oração ao pão

(Fragmento)

Com quantos grãos de trigo um pão se fez?  
Dez mil talvez?

Dez mil almas, dez mil calvarios e agonias,  
Tantos os dias,

Para insuflar alentos n'alma impura  
D'uma só creatura!

Homem, levanta a Deus o coração,  
Ao vêr o pão.

Ell-o em cima da mesa do teu lar;  
Olha a mesa: um altar!

Ell-o, o vigor dos braços teus,  
O pão de Deus!

Ell-o, o sangue e a alegria,  
Que teu peito rubora e teu ernao aluzna!

Ell-o, a fraternidade,  
Ell-o, a piedade,  
Ell-o, a humildade,

Ell-o a concordia, a bemaventurança,  
A paz em Deus, tranquilla e mansa!

Comer é commungar. Ajoelha, orando,  
Em frente d'esse pão, ou duro ou brande.

Antes que o mordas, tigre carniceiro,  
Ergue o nas, beija-o primeiro!

Depois devora! O pão é corpo e alma:  
Em corpo e alma  
O comêr-o,  
Tigre voraz!

São dez mil almas, brancas, côr de lua,  
Transuigrando divinas para a tua!

GUERRA JUNQUEIRO.



Conde de Mesquitella



D. Fernando de Noronha



Marquez de Pombal

# O diploma conjugal

Emile Faquet, da Academia Franceza, publicou com este titulo um artigo na *Revue bleue* n.º 8 de 23 de agosto do corrente anno sustentando as idéas do dr. Cazalis, sobre a necessidade do diploma conjugal, isto é, de um documento com que o individuo que pretende casar-se, prove que se acha em circumstancias de o poder fazer, debaixo do ponto de vista medico e social.

E' uma corsa sabida, diz elle, que, em materia de casamento, engana quem pode, não sómente debaixo do ponto de vista financeiro, mas tam-



A praia de Cascaes em dia de regata

bea debaixo do ponto de vista da saude, o que constitue um verdadeiro perigo.

Individuos tuberculosos até á medulla, predispostos para a demencia, avariados em summa, tratam de se casar, contaminando as doencas e produzindo filhos tuberculosos, e epilepticos. E acrescenta o illustre academico que, das 180 mil pessoas que morrem annualmente em França pela tuberculose, duas terças partes são victimadas por doenca hereditaria. Como se vê, o mal é incalculavel!

Mas, não é menos grave debaixo do ponto de vista social o engano premeditado ou inconsciente de quem, por soffrer um defeito organico, seja reconhecidamente esteril; porque, se ha individuos que não desejam ter successão, por imperar n'elles o instinto da conservação individual, ou antes o egoismo, mais que o instinto da conservação da especie, ha outros para quem a falta de successão pode produzir gravissimos desgostos e causar serias perturbacoes por não ser admitida a annullação do matrimonio. E' esta minha questào que deves interessar a humanidade, para a qual se deveria estabelecer o regimen da verdade e não do erro, porque d'isso depende em grande parte a felicidade e a tranquillidade humana.

Todas as instituições que repousarem sobre uma hypothese contraria á lei natural hão-de ser fatalmente illudidas, resultando d'ahi para todos um constrangimento intoleravel. Mas, se as idéas tradicionais embora profundamente enraizadas, a força de passar de paes para filhos, nada provam contra os factos, poucos teem contudo a coragem de arcar contra as tradições e os preconceitos; e de expor a questào com toda a verdade e lucidez, como fez o grande pensador e philosopho allemão Max Nordau.

Parte elle do principio de que o homem tem dois poderosos instintos que dominam toda a sua vida e dão principal impulso a todas as suas accões; o instinto da conservação pessoal e o da conservação da especie. Aquelle manifesta-se na sua expressão mais simples, sob a forma da fome; este, debaixo da forma do amor.

Emquanto o individuo não está exausto de força vital, lucta com todo o esforço de que é capaz para se conservar e proteger contra os seus inimigos; e, se a sua força vital se exhaurir, elle não sente nem a necessidade de se alimentar, nem desejo de se defender, e morre. Do mesmo modo, em quanto a vitalidade da especie é poderosa, cada individuo completamente formado procura reproduzir-se, tornando-se indifferente, se a vitalidade começa a diminuir.

Quando uma raça ou uma especie chega ao ponto final da sua carreira, o espirito da familia desaparece, os homens não querem casar, as mulheres temem os trabalhos da maternidade, a função mais sublime do organismo é transformada n'um acto repellente; e só se pensa no prazer individual, sem valor para a collectividade.

Diz mais o illustre escriptor que, se a forma das relações dos dois sexos no seio de um povo, dá a medida da força vital desse povo, a applicação d'esta medida ás nações civilizadas do occidente levam-nos a conclusões bem desanimadoras.

A mentira das instituições economicas, sociais e politicas, tem envenenando a vida sexual; todos os instinctos naturaes que devem assegurar a conservação e o melhoramento da especie são falscados e desviados do seu caminho, e as gerações futuras na parte intellectual e mais desen-

volvida da humanidade são sacrificadas á hypocrisia e ao egoismo reinantes.

O casamento moderno continua a ter por pretexto a conservação da especie, mais principalmente nas classes chamadas superiores deixa de ter toda a consagração moral, e por consequente toda a razão de ser anthropologica, porque quem se casa tem por fim criar uma nova situação de fortuna, uma vida de mais commodidades, para melhorar na classe social, para satisfazer uma vaidade, para ter carruagem, e frequentar os bailes, os theatros e as praias.

O casamento deveria ser a sancção da solidariedade, mais representa o egoismo.

O rapaz que corteja uma velha para a explorar, ou uma rica herdiera, ou a filha de um homem influente, só com o fim de se tornar rico ou de adquirir uma posição, é tão indigno como a creatura depravada que de noite, nas ruas, se oferece a quem passa.

Uma rapariga que se entrega para sustentar a sua velha mãe, ou o filho abandonado, está moralmente acima da virgem que sobe ao leito conjugal, por um sacco de libras ou um masso d'inscripções, com que possa satisfazer a sua vaidade de figurar na sociedade, nos bailes e nos theatros. Estas tendencias nas camadas superiores da sociedade produzem o desaparecimento rapido da especie, não tendo outra causa o desaparecimento geral e rapido das casas aristocraticas.

Supponha-se uma mulher com um defeito organico que a torna esteril, e que não teria podido casar, se tivesse sido examinada previamente; e admitta-se que o marido não seja um egoista em quem não predomina o instinto da conservação e do goso individual. Como todo o desejo se estimula pela impossibilidade ou pela difficuldade da sua realização, deve necessariamente dar-se o conflicto entre esse desejo ardente e o dever conjugal, resultando d'ahi gravissimas perturbacoes e luctas entre a paixão e o dever, por causa dos preconceitos do mundo, e de todo o modo a destruição da felicidade de quem tinha direito a ser feliz. Se a sociedade fosse governada pelas verdadeiras leis naturaes, essas luctas não teriam lugar, mas a sociedade official dominada pelo egoismo impõe ostensivamente o sacrificio, e, como tem a consciencia da sua impossibilidade porque não pode decretar o suicidio, abaixa os olhos e segreda para que não haja o escandallo publico, não se importando com a mentira, com a hypocrisia, e com a dissimulação que rebaixam as almas e os caracteres.

E é mais desolador ainda, quando essas luctas têm echo nos tribunaes onde são raros os juizes que, como o digno presidente de Chateauf-Thierry, não se prendem com a letra de leis caducas e procuram interpretar-as, em harmonia com os principios modernos da justiça social, quando as encontram em manifesto antagonismo com elles.

Diz Emile Faquet que as unicas pessoas privilegiadas que estão livres de serem victimas da falta do diploma conjugal, são as filhas dos medicos por não ser provavel que um medico annua no casamento da filha com um individuo sem primeiramente o auscultar, quando desconfe que elle seja doente.

Na sessão solemne d'este anno da abertura dos cursos dos tribunaes em Madrid, o ministro da justiça pronunciou um discurso sobre a necessidade de certas reformas judiciaes, e assignalando a conveniencia de se marcar um limite de idade minimo para o casamento e de prohibir os casamentos consanguineos, accentuou ser de grande interesse social a intervenção obrigatoria do medico nas pretensões de casamento, e a



Em Cascaes — A Esplanada

apresentação de um certificado sobre a saude e condições phisicas dos pretendentes.

E se a intervenção do padre para satisfazer as convicções religiosas dos futuros esposos, e da autoridade para salvaguardar o estado civil, tem um interesse de primeira ordem, não é menos importante, ou antes é muito mais importante, por ser mais conforme ao espirito christão, e ao interesse social, que intertenha o medico, afim de se evitarem unioes mais lamentaveis que o proprio suicidio.

E' a primeira vez que se vê na Europa um membro do governo encerrar o papel social do medico no acto do casamento, não tendo a questào transposto até então os limites da discussão scientifica.

Entretanto, não se pode dissimular que a exigencia do diploma conjugal deverá favorecer a uniao livre.



Mademoiselle Bartet

*Societaria da Comedia Francaza*



**Rua dos Condes** — O *Poeta Bocage*; **Gymnasio** — Os *herdeiros de Rabourdin*; **Príncipe Real** — A *Revolucionaria*; **D. Amelia** — *Nely Rosier*; as *repúas da Trindade* e da *Avenida*, e os espectáculos dos *Colyseus*.

Como os primeiros pronunciados do inverno que se aproxima, ao mesmo tempo que começa a debandada das praias, inauguram os theatros a sua epocha. O primeiro a abrir d'esta vez foi o theatro da **Rua dos Condes**, que herdou uma tradição litteraria honrosa na arte, e que depois da magnifica operetta *O cão do Ingles*, de que demos no ultimo numero tres scenas, nos apresentou uma operetta nacional, genuinamente portugueza, escripta por um jornalista de talento, poeta humoristico e improvisador como raros. O *Poeta Bocage*, de Eduardo Fernandes (Esculapio), não se pôde dizer que seja uma obra theatral impecavel, mas é uma obra interessante, que entretem durante umas horas e que põe em foco uma das nossas personalidades historicas que é hoje ainda, tantos annos passado, um poeta popular. A fama de Bocage atravessou já umas poucas de gerações e sempre bem definido, o que não é muito vulgar, ainda mesmo com os grandes talentos.

Esculapio mostrou-se na sua peça um grande entusiasta de Bocage, o que de resto nos não admira, porque tem como litterato grandes semelhanças com elle. Estabelecida a differença que vale entre a epocha em que Bocage viveu e a nossa, Esculapio tem pelo menos um ponto de contacto com Bocage, é a facilidade de improvisação, de que abusou um pouco, exhibindo-nos durante umas poucas de horas e quasi consecutivamente o poeta, ora a ridicularisar o nariz da cantadeira do Loreto, ora a troçar das velhas apaixonadas por elle, ora estancando a fome, ora o amor, n'um verdadeiro motu continuo de motes que ora elle ora Bocage glosam á maravilha. Pensou talvez demasiado o auctor no seu protagonismo, descuidando-se dos restantes, e entregando o interesse da acção á curiosidade publica pelo personagem. Isso explica um pouco os senões da peça, que os artistas da Rua dos Condes se esforcaram, *malgré* o pequeno scenario, por nos apresentarem o mais rigorosamente historico. Sobresahiu José Ricardo n'um estudo consciencioso do poeta, traçado com intelligencia quer artistica quer caracteristicamente. Duas Amelias — uma Loppiccolo, na *Estreira do Sálitre*, outra Pereira, na *Estanqueira do Loreto* —, e todos os artistas tiveram jus aos applausos do publico.

E na ordem hierarchica das novidades theatraes temos tres peças novas, todas traduzidas; uma, *Os herdeiros de Rabourdin*, no **Gymnasio**; outra, *A Revolucionaria*, no **Príncipe Real**, e uma terceira no **D. Amelia**, *Nely Rosier*.

A primeira é uma peça do grande Zola, que n'este momento tinha infelizmente certa actualidade; a segunda é a tradução de um delicioso *vaudeville* — delicioso pela graça do dialogo e pelo comico das peripécias — de Feydeau que é um *vaudeville* de gosto e um escriptor de espirito, mas que não fez, no palco do Príncipe Real, o effeito que deveria fazer, se mais houvessem attentado n'elle, e melhor comprehendido os seus *trucs*, as suas surpresas e até os seus personagens que por demasiado parisienses difficilmente encontraríamos interpretação rigorosa por artistas portuguezes.

Resta-nos portanto a terceira. Não é de mais confessar que *Nely Rosier* é um comedia talhada para desopilar o figado. Tanto que chego a achar graça aos censores graves, severos, que, depois de estarem tres

horas rindo a bandeiras despregadas, concordam que a peça não é feia, que tem alguma graça, mas que não é para aquelle theatro. Como se o theatro de D. Amelia, que pertence a uma empresa particular, que não recbe do Estado favores ou regalias, fosse obrigado a pôr em scena apenas as peças que conviessem, não a ella, mas aos taes censores que até provavelmente vio... de graça.

Fechado o parentese e voltando á *Nely Rosier*, a que Eduardo Garrido imprimiu toda a feição theatral do seu espirito, melhorando, aperfeiçoando, a obra de Billaud e Hannequin, os applaudidos commediographos de Paris, difficil se torna a quem tem de falar da peça classificá-la. Seja uma *pochade*, se assim o querem, mas não neguem então que é uma *pochade beau genre*, deliciada, fina, e, o que é mais, moralista. Roça pelos velhos processos francezes de fazer graça no theatro, tem pontos de similhança com as suas numerosas irmãs que a precederam, de todas ellas dá *ares de familia*, mas não de concordar que o fim, o objectivo d'ella, o que é na charada o conceito e na fabula a moralidade, pertence aos puros dominios da... moral.

Que nada cohecho de mais moralista que aquelle caso, tão imprevisivo que chega a ser inverosimil, de ir metter se como creada no lar conjugal a amante do dono da casa para que elle, nunca mais a traia coz. outra que não seja sua mulher, á qual aconselha todas as garridices, todos os atavios e a receitas infallivel de se renovar dia a dia, para que todos os dias elle veja na esposa uma amante nova.

E á força da habilidade e da arte que por toda ella corre a peça consegue esse *desideratum* e a moral fica salva, ou antes um novo principio de moral fica arvorada em doutrina... domestica. Que as esposas portuguezas se apressem a ir vêr a *Nely Rosier* se querem aprender a forma de conservarem os maridos... fiéis. Que não falem lá as amantes trahidas se querem pôr em acção o meio de se vingarem.

Na interpretação, dois trabalhos se destacam pela excellencia do desempenho, e dois nomes de artistas se impõem ao applauso da critica, como elles se impozeram no applauso do publico: Augusto Rosa e Alves. No plano seguinte, mas todos porfiando na melhor comprehensão e execução dos seus papeis, Delphina Cruz, Maria Falcão, Maria Pia, Augusto Antunes, Pinheiro e Cabral, todos largamente ovacionados pelo publico, que emquanto vê a *Nely Rosier* ri e aprende.

E ha tantas peças... graves, com que lhe não acontece nem uma coisa nem outra! Talvez por isso mesmo os outros theatros se temem entredito este mez em fazer reviver o seu repertorio antigo, desencanaando na gaveta dos seus archivos o que de melhor e de mais appetecivel lhes pareceu. A **Trindade** recordou o *Bibi & Co.*, a antiga farça de Gervasio Lobato, D. João da Camara e Cyríaco Cardoso, e a peça de grande espectaculo *Viagem á roda do mundo em 80 dias*, que ora se conserva ainda no cartaz, com grande contentamento do camaroteiro que anda ao desajo com o collega da Avenida, que jurou ouvir o antigo repertorio, todo elle gloria de Palmyra Bastos, á espera da primeira peça nova que vae ser o *Rapto de Helena*.

E todos estes espectaculos, entremeados de quando em quando com uns passiosos pelos dois *colyseus*, ambos funcionando sob a manutua magica de Antonio Santos, atrahiram no primeiro mez theatral a attenção publica.

D'estes ultimos dizia com graça no outro dia um espirituoso rapaz, que elles eram dois *colyseus* distinctos e um só verdadeiro — uma grande e extraordinaria companhia equestre, acrobatica, gymnastica, illusionista, etc. etc.



# BRASIL-PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorjº Tavares

Editor—Luiz Antonio Sanchez

Redacção e administração—Rua de S. Roque, 125

End. telegraphico—BRATGUAL—LISBOA

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora  
Largo do Conde Barão, 50

Paginas supplementares: Off.º Estevão Nunes & F.º  
Rua d'Assumpção, 18 e 24

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA	ESTRANGEIRO
Anno .....	Moeda brasileira .....	Anno .....	Moeda estrangeira .....
Numero avulso }	30000	6 mezes .....	20000
	30000	3 mezes .....	10000
		Numero avulso .....	5000

## SUMMARIO

### TEXTO

Luiz Antonio de Moraes e Souza.  
Politica internacional—CONSELHEIRO PEDROSO.  
Chronicas—El R et, Portugal, Brazil—JAYME VICTOR.  
A posse do presidente Dr. Rodrigues Alves.  
Araracê da Arte—GURDES TELHEIRA.  
A arte em Portugal—Um grande artista—Rosendo Carvalho.  
Eu e as notabilidades literarias—A. M. DA CUNHA BELLEM.  
Oração ao Pão—GUERRA JUNQUEIRO.  
O diploma conjugal—C. DE BRITO.  
Mademoiselle Bartet.  
Theatros.

### 14 Illustrações PAGINAS SUPPLEMENTARES

Cartas da Quinzena.  
O nosso almanack  
As tres cores.

### ANUNCIOS

Empreza Nacional de Navegação—Lisboa.  
London & Paris—Lisboa.  
Compagnie des Messageries Maritimes—Lisboa.  
The Pacific Steam Navigation Company—Lisboa.  
Villar d'Alen—Vinhos—Rio de Janeiro.  
Grande Hotel Metropole—Rio de Janeiro.  
Fabrica de ladrilhos hydraulicos—Rio de Janeiro.  
Fabrica de gravatas—Rio de Janeiro  
Novo Hotel do Guarani—Santos.  
João Cardoso—Lisboa.  
Banco Nacional Ultramarino—Lisboa  
Alfayateria Confiança—Lisboa.  
Cesar Paiva—Lisboa.  
Arvore do Natal—Lisboa.  
Estamparia do Bullão—Porto.  
Dr. Oscar Leal—Lisboa  
Chapelaria Americana—Rio de Janeiro  
Arthur de Carvalho & C.ª—Rio de Janeiro.  
Amannch do Brazil Portugal para 1903.  
M. Nuaes & C.ª—Rio de Janeiro.  
J. L. Martins—Rio de Janeiro  
O Brasileira—Rio de Janeiro  
Fonseca, Santos & Vianna—Lisboa.  
Vierling & C.ª Limitada—Lisboa.

Jacintho Ribeiro dos Santos—Rio de Janeiro.  
Perfumaria L. Quarré—Rio de Janeiro  
Companhia de seguros maritimos e terrestres  
Rio de Janeiro.  
Cimento 'Po tland, Lion & C.ª—S. Paulo e Santos.  
Fabrica de Tecidos e Fiação—S. Paulo.  
Drogaria e Perfumaria—S. Paulo.  
Daniel Monteiro d'Abreu—S. Paulo.  
O Boticao Universal—S. Paulo.  
Veiga & C.ª—Rio de Janeiro.  
Angelino Simões—Rio de Janeiro.  
Maison Nouvelle—Lisboa.  
Mortins, Vianna, Veig & C.ª—Rio de Janeiro.  
Casa Doux—Rio de Janeiro.  
Escola Academica—Lisboa.  
Almeida & Serra Pinto—Porto.  
A Rabeca de Ouro—Rio de Janeiro.  
Grande Hotel—S. Paulo.  
Aux Dames Elegantes—Rio de Janeiro.  
Moinho Matarazzo—S. Paulo.  
Buschmann & Guimarães—Rio de Janeiro.  
Gabinete Hydrotherapico—Lisboa.  
Bilhares de precisão—Lisboa.  
Agencia Financiera de Portugal—Rio de Janeiro  
La Union y El Foco Español—Lisboa.  
Aguas de Carabaña—Lisboa.  
Atelier d'Alfaiate A. Couto—Lisboa.  
Cimento Portland—S. Paulo.  
Companhia Geral do Credito Predial—Lisboa.  
Torres Carneiro—Rio de Janeiro.  
Lenos & Filhos—Porto.  
Formica Schomaker—Rio de Janeiro.  
Ferreirinha—Rio de Janeiro.  
Casa Abreu—S. Paulo.  
Fabrica de Tecidos de Lã e Algodão—S. Paulo  
C. P. Vianna & C.ª—S. Paulo.  
Vinhos Velhos Legitimos do Porto.—Porto.

### NA CAPA

Garantia da Amazonia—Pará.  
Brasil-Portugal.  
Almanach Illustrado do Brasil Portugal para 1903—Lisboa.

## OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes:  
**No Brasil**  
RIO DE JANEIRO e S. PAULO—Agencia Central dos Estados do Sul. Coronel Theodilo Fapo de Moraes e José Martins Pollio, Rua de Alfandega, 4, sobrado.

PERNAMBUCO—A. Leopoldo da Silveira.—Rua Primeiro de Março, 17.  
PARÁ—J. B. dos Santos—(Livraria Classica)—Rua João Alfredo, 50.  
MANAOS—Jayme & Camara—Livraria Classica—Rua Guilherme Moreira.  
MARANHÃO—Leoneto J. de Medeiros & O.ª  
GRATIA—A. Ferreira Braga—Praça José Alcivar 30  
BAHIA—José Luis da Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães)—Rua Ipiranga do Palácio, 27.  
FELICITAS—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana).  
PORTO ALÉGRE—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana).  
RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

### Em Africa

MOÇAMBIQUE—Julio Augusto Pinto da Carvalho  
BEIRA—Antonio Francisco Ribeiro.  
MOSSAMÉDAS—Joaquim Teixeira de Assumpção.  
QUILLIMANE—Henrique Jorge do S. Neves  
BENQUÉLLIA—Mathous & Tavares.  
LOURENÇO MARQUES—D. Bernardo Hestor da Silveira de Lorena.  
S. THOME—L. A. B. Alves Mendes

### Na India

NOVA GOA—Antonio M. da Cunha—Casa Luso Francesa—Rua Afonso de Albuquerque.

### No Continente

PORTO—Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa, 24.  
EVORA—(Agente geral em Evora e no Sul) Eduardo Brazão Pereira, Praça do Geraldo, 18, 1.º  
BENAVENTE—J. N. B. Carvalho.  
PONTE DE LIMA—Gama, Amara & Com.ª  
COMBÉLIA—João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 1-2.  
CABE LEO BANGCO—Pedro Augusto Pessoa.  
ABRANTES—Antonio Augusto Salgueiro.  
ELVAS—João Antonio dos Santos Sobrinho.  
J. COBEÇA—José Narciso da Costa.  
PORTALEGRE—Domingos da Guerra Conde LERITA—Mannuel Pereira Dias.  
FIGUEIRA DA FOZ—Antonio Marques de Olive  
VIANNA DO CASTELLO—J. B. Domingues  
COELHO—José Pereira Cabral.  
TAVIRA—José Maria dos Santos.  
FARO—Maya & Trigo.

### No Estrangeiro

PARIS—Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 15.

## Bom conselho

—Como tu estás abatido, rapaz!  
—Que queres? Loucuras... excessos... o diabo!...  
—Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo, com boas cores. E eras tão fransino!  
—Cousas, meu velho. Faze como eu. Toma o **Chocolate Brasil**, que se fabrica no Moinho de Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

Proven os preciosos vinhos de Adriano Ramos Pinto

## O NOSSO ALMANACH

Está já à venda em Portugal e no Brasil o *Almanach Illustrado do Brasil Portugal*, para 1903, com uma capa a cores, desenho do grande pintor Ramalho. Impresso em papel forte, abre com um *juízo do anno*, de Alfredo de Mes.

quita, illustrado pelo lapis humoristico de Celso Herminio, e ao longo das suas 128 paginas, não contando com as da secção dos annuncios que é variadissima, pela serie enorme de estabelecimentos brasileiros e portuguezes que n'ella figuram, encontram-se umas 200 **photogravuras** nitidamente feitas nas officinas de Pires Marinho & C.ª

Acompanhando o calendario de 1903, dá em cada mez uma serie de receitas agricolas para pomar, horta e jardim. Publica uma centena de adivinhações, logographos, enigmas illustrados, charadas, bilhetes postaes, offerecendo á primeira pessoa que enviar a decifração de todos elles, um volume encadernado do 4.º anno do *Brasil-Portugal*.

### Empreza Nacional de Navegação

Carreira quinzenal  
para a Costa d'Africa Occidental

Sahidas a 6 e 21 de cada mez, tocando nos seguintes portos:

Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizeite, Ambriz, Luanda, Novo Redondo, Benguela, Mossamedes, Porto Alexandre e Bahia dos Tigres.

N. B. — Os paquetes que sahem a 6 fazem escala por Santo Antonio do Zaire, Ambrizette, Bahia dos Tigres e Porto Alexandre, e os do dia 21 por Madeira, S. Vicente e Principe.

Rua da Prata, 8. 1.º

## GUILHERME SILVA

Camisas, ceroulas,  
gravatas, collarinhos  
e punhos



Roupas bordadas  
e camizetas  
Exovoes em todos os  
generos

LONDON & PARIS

109, Rua de S. Nicolau, 111

LISBOA

### Compagnie des Messageries Maritimes

Paquebots poste français  
**Linha Transatlantica**



Para Dakar, Pernambuco, Bahia,  
Rio de Janeiro, Santos, Montevideo  
e Buenos-Ayres

Os passageiros de 3.ª classe podem dirigir-se a OREY ANTUNES & C.ª — 1, Praça dos Remo-  
llores.

Para passagens, carga e todas as informações trata-se na Agencia da Companhia — 37, Rua Aurea.

Os agentes, SOCIEDADE TORLADES

## The Pacific Steam Navigation Company

Caes do Sodré, 64, 1.º

LISBOA

OS AGENTES — E. Pinto Basto & C.ª

Viagens rapidas para o Brazil e portos do Pacifico. Carreira quinzenal (as quartas feiras alternadas). Grandes paquetes, luz electrica, luxo e todas as commodidades. Preços modicos para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo, Valparaiso, portos do Chili e Peru, e, na volta, para La Pallice e Liverpool. Linha semanal entre Londres, Gibraltar, Malta e Cadiz, e linha mensal para Glasgow. Carreiras para Borden e Leith, etc.

# VINHOS

## VILLAR D'ALLEN

# CHAMPAGNE

## VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

GERENTE: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.ª

Rua 1.º de Março, 59 — RIO DE JANEIRO

## GRANDE HOTEL METROPOLE

Incontestavelmente o primeiro do Rio de Janeiro

Gerente: CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O **Metropole**, pelo seu conforto e situação pittoresca, é o hotel preferido por todos quantos chegam da Europa.

Bonds electricos dia e noite

A 3 minutos da Estação do CORCOVADO

Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO.



# O CARTAZ DA QUINZENA

reportorio indicado no ultimo Cartaz da Quinzena.

**Gymnasio.** — Está marcada para 8 a festa do actor Ignacio, com a peça nova *O espirítmo*, arranjada do allemão pelo sr. Freitas Branco.

**Avenida.** — A primeira peça nova que se representa este anno é a opereta em 4 actos e 7 quadros *O Rapto de Helena*:

Giraffier, porteiro...	Alfredo Carvalho
Anatolio .....	Correia
Grivot .....	Gomes
Jorge .....	Raposo
Hector .....	Armando Vasconcellos
Garoto .....	Santos Junior
Cocheiro .....	Ricardo
Carteiro .....	Silva
Mestre de côros .....	Itoldão
Commissario de policia .....	Villas
Vendedor de programmas .....	Leonardo
Helena .....	Palmyra Bastos
Querida .....	Jesúna Marques
Carlota .....	Carolina Santos
Palmyra .....	Elvira Mendes
Sylvia .....	Julia Correia
Flora .....	Gabriella Lucey
Tia Serin .....	Francisca Martins

**Principe Real.** — A distribuição da peça de Ernesto Blasco-Fidalgo e Toureiros traduzida pelo sr. João Soller, é esta:

Paco Leão, 1.º espada .....	Ernesto do Valle
O Marquez .....	Ramalhete
O Duque .....	Luciano
Thomaz .....	Verdial
Manuel, picador .....	Torres
Gonçalves .....	José Baptista
Choto, ban Jarilheiro .....	Roque
Conde .....	Soares
D. José .....	Machado
Barão .....	Christiano Telmo
Sandoval .....	Jayme Silva
Visconde .....	Pitta
Antonio, criado .....	Roque
Panilha, bandarilheiro .....	Peixoto
Justo, idem .....	Baptista
Esteras, picador .....	Pita
1.º mono sabio .....	Machado
2.º dito .....	Lima da Costa
Aguazil .....	Arthur
Dolores .....	Soares
Aurora .....	Rosa de Oliveira
Gabriella .....	Cândida de Souza
Joanna, contrabandista .....	Julia d'Assumpção
	Augusto Cordeiro

A primeira representação está marcada para 5.º do scenario do 1.º e 5.º acto é novo e pintado por Augusto Pana: a *Sabe Rainha* cantada pelo coro é composição de Alfredo Keil.

**Rua dos Condes.** — Depois do *Poeta Bocage* entrou em ensaios, a comedia vaudevillense em 5 actos, de Antunes Mars e Henri Kernel, o *Major Donzella* com esta distribuição:

Labourette, major do 36.º .....	José Ricardo
O coronel Montgiron .....	Silva Pereira
O tenente Freville .....	Antonio Sá
Champeaux, soldado de cavallaria .....	Gervasio Correia
Mouliard, impedido .....	Serra da Silva
Dingois, boticario .....	Marcellino Franco
Malozet, recebedor .....	Duarte Silva
Lardinet .....	Fernandes
Flerin, secretario da Mairie .....	Salvador Braga
O capitão Baudricourt .....	Ricardo Salgado
O tenente Verdier .....	Durão
O tenente Favuel .....	Grandal
Michu .....	Sequeira
Faulte, cantora de café-concerto .....	Amelia Lippiccolo
Helois, ex-dançarina .....	Amelia Pereira
Paulina .....	Dolores Rentina

Madame Martin, viuva edosa .....	Elisa Aragonez
Cesarina, mulher de Dangois .....	Judith Correia
Madama Lavoureux, dona do Hotel do Cavallo de Oro .....	Emilia de Abreu
Rosalia, criada de Helois .....	Maria Virtudes
Madame Godet .....	Felismina
Madame Grisel .....	Emilia Pereira
Leoca, ha .....	Julio Mendes
Manette, criada do hotel .....	Iria
Toinon, idem .....	

**Colyzeu dos Recreios.** — Continuum as estreias de artistas novos. É uma serie enorme de novidades a admirar e applaudir.

## Amelio de Barros

Está em Lisboa este nosso confrade do Pará, correspondente da *Provincia do Pará* e da *Gazeta de Belém*.

Henrique era noivo de Emilia, e uma vez foi visitado, não estando ella ainda arranjada. Pediu Emilia ao seu irmão pequeno que f-esse para a sala entreter o noivo enquanto ella não ia.

O pequeno foi.  
—O noivo é que é o noivo de Emilia?  
—Sou.  
—Diga-me uma cousa: tem dinheiro n'um Banco?

—Tenho  
—Em seu nome?  
—De certo.  
—Espera continuar a tel-o depois de casado?  
—Espero.  
—Hum! A Emilhina hade ter que dizer a esse respeito.

—O noivo não gostou.  
—Fuma? tornou o futuro cunhado.  
—Fumo.  
—Julga que continua a fumar depois de casado?  
—Porque não?  
—Hum! A Emilhina hade ter que dizer a esse respeito.

—O noivo começou a irritar-se.  
—Pertence a algum club? torna o rapazote.  
—Pertencio.  
—E imagina que lhe continua a pertencer depois de casado?  
—Já se vê que sim.  
—Hum! A Emilhina hade ter que dizer a esse respeito!

—Olha, menino! exclamou o noivo exasperado. Tu encho que fazer e com muita urgencia. Diga á Emilhina que me fui embora, e veja o que ella tem que dizer a esse respeito.

Entre noivos.  
—O papá perguntou-te quizes eram os teus rendimentos?  
—Perguntou.

—E tu disseste-lhe que o Banco te levantara muito o ordenado?  
—Disse, sim!

—Ah! como eu estimo isso!  
—Não estimo eu. Tu pae pediu-me logo 208000 réis emprestados.

—Meu querido, o pequeno enguliu o teu botão de collarinho.

—Por amor de Deus, vê se lhe dás alguma coisa que elle faça deitar cá para fóra já, porque eu estou-me a arranjar e tinha forçosamente de sahir com elle.

Doutor—E teve calafrios, não teve?  
Bella doente—Tive, sim senhor.  
Doutor—Bateram-lhe os dentes uns nos outros?  
Bella doente—Não senhor.  
Doutor (espantado)—E' quasi impossivel.  
Bella doente (baixando os olhos)—E' que os meus dentes estavam... em cima da mesa.

**D. Maria.** — A epocha do theatro normal inaugura-se a 8 d'este mez.

A primeira peça que nos parece ser a *Dama de Lys* de Alexandre Dumas está distribuida como segue:

Paulo Aubry .....	Luiz Pinto
Conde de Lys .....	Ferreira da Silva
Maximiliano .....	Fernando Mala
Taupin .....	Augusto de Mello
O duque .....	Pato Moniz
Roursae .....	Pinto de Campos
Criado .....	Francisco Sampaio
Diana .....	Augusta Cordeiro
Marcellina .....	Baptiz Rente
A marqueza .....	Carolina Falco
Madame Sussieu .....	Emilia Lopes
Julietta .....	Sarah Coelho
Jenny .....	Maria da Luz

**D. Amelia.** — Em ensaios, para reaparelho da acríe Adelinha Abranches, que pela primeira vez pisa o palco de D. Amelia, a peça *As primeiras aventuras de Richelieu*, assim distribuida:

Duque de Richelieu .....	Adelinha Abranches
Senhor de Maignon .....	Augusto Rosa
Baroneza de Belle Chasse .....	Rosa Damasceno
Duqueza de Noailles .....	Lucinda Simões
Mademoiselle Nocé .....	Maria Pia
Diana de Noailles .....	Lucilia Simões
Dubois .....	João Rosa
Barão de Belle Chasse .....	Augusto Antunes
Merlac .....	Henrique Alves
Um arrumador .....	Luiza Cabra
Um porteiro .....	Senna

Os segundos papéis são feitos, como vemos, pelos Principaes artistas, o que constituirá um acontecimento artistico.

Esta peça é acompanhada de outra em um acto *Cabeça de Estopa* com esta distribuição:

Lepic .....	Christiano de Souza
Cabeça de estopa .....	Adelinha Abranches
A sr. Lepic .....	Lucinda Simões
Anninhães .....	Lucilia Simões

A companhia parte parte para o Porto no dia 14, e a companhia financeira de Bartet e Le Bay debuta n'essa mesma noite com a *Francillon*, de Dumas, filho, e o *Gringoire*, do Theodoro de Banville.

Le Bay parece não representará em Lisboa o *Marquis de Priola*, que foi o seu ultimo successo artistico.

**Trindade.** — Até 16 d'este mez, o mesmo

## AS TRES CORES

Já tinha a sua ideia, o pequeno Franz, a caminho da escola, naquela fria manhã de dezembro, ao longo da vereda em que a grade fazia prender duplas rendas de petalas brancas dos negros espinhos das silvas. Ia-a ruminando, á sua ideia, enquanto os grossos prégos dos seus sapatos estacavam a cada passo gemer a terra lusa, e era esta ideia que, debaixo do seu nariz avermelhado pelo frio, punha nos seus labios entreabertos um sorriso a um tempo triphante e malicioso.

A quem fazia elle a partida? Ao mestre escola, nem mais nem menos? E quem ficaria contente? O seu irmão? Pois!

Ora, alegrar o seu irmão e fazer uma partida ao mestre escola, era muito simplesmente o ideal d'aquella boa peça, que se chamava Franz Hermann.

E porque não havia elle de realizar este ideal? Aquella mostrão do sr. Bucher, com a sua feia cabeça quadrada e com a bocca sempre torcida por um sorriso que parecia uma caréta, não era digno das maiores partidas? E o seu pequeno Fritz, com os seus olhos risonhos e a sua alegria tão franca em frente do mais insignificante brinquedo que lhe traziam, não merecia que se arriscasse por elle alguma coisa?

Era na vespera do dia d'Anno Bom, e mestre Franz, na sua cachola de homem de treze annos, decidira que, no dia seguinte, o seu Fritz, havia de ter as boas festas.

Já lhe custava bastante não lhe ter dado nada no dia do Natal.

Decerto que ninguém d'isso tinha culpa, e não faltava ao pae e á mãe Hermann a vontade de dar alguma coisa aos seus garotos. Mas, quando mal se tem para comer, seria mal escolhilo o momento de azer inuteis despesas. E como os bonecos não nasciam da terra como os pinheiros que o pae Herman arrancava na floresta proxima, os pequenitos nada tinham a contrario nos seus sapatos, na manhã do Natal.

Ah! se ao menos o pae Hermann fosse, como no outro anno, operário na officina do mestre serralleiro onde estava havia quinze annos, sempre teria podido tirar do seu salario o bastante para dois bonecos de cinco toldos.

Mas havia já oito mezes que o pae Hermann não era serralleiro. O seu patrão despedira-o, com o pretexto de que votara mal nas ultimas eleições, dissera-lhe que, conservando-o na officina, arriscava-se a perder a parte mais importante da sua clientela, sobretudo o fornecimento de cartões que o governo lhe encomendava para as escolas. Já o tinham avisado bem claramente.

Fôra o monstro do mestre Bucher quem representava este bonito papel de espião. Como a eleição se fazia na escola e como a autoridade o indicava para vigiar a operação, devorava com os seus olhos picos todas as listas que recebia para as pôr, elle proprio na urna, afim de evitar as fraudes, dizia elle. E fôra assim que virá que o pae de Franz votava pelo novo candidato, por aquelle patife do dr. Differmann, que sahira do escrutinio como um macaco d'uma caixa cuja tampa a saltasse subitamente.

Esta descoberta não fôra inútil. Oito dias depois, o pae de Franz era denunciado, despedido, reduzido ao migrato e duro mister de achador de lenha, e d'ahi por diante, quando Franz chegava á escola, nunca o sr. Bucher, de pé no limiar da porta, deixava de o receber com estas palavras, que silvavam por entre os seus delgados beiços crispados por um mau sorriso: «Ah! és tu, germen de revoltoso!»

Revoltoso? Era-o decerto o pequeno Franz. Era o seu modo, como o pode ser um garoto que ainda não percebe bem as cousas, mas que tem os principios da raça, e que, para não se enganar, só precisa de se deixar guiar pelo instincto. Ora instinctivamente, o pequeno Franz sentia dentro d'este repugnante homem tão baixo com os olhos e tão arrogante como os flocos; detestava toda aquella curja d'Allemeos como lhes chamava seu pae, o rachador Hermann, quando á tarde, finda a sua rude tarefa, se sentava um bocado á lareira, antes de ir deitar-se.

conversando com a mulher, enquanto os dois pequenos, já na cama, se chegavam um para o outro para terem menos frio.

Sim, vœorja d'Allemeos, o pequeno Franz revertera bem a phrase, e, mais de vinte vezes, não lhe faltava vontade de a atirar á cara insolente do sr. Bucher.

Mas a mãe recomendara-lhe tantas vezes que tivesse juizo, e o pae acrescentava que ainda não era chegado o momento de dizer tudo o que feria no coração...

Esperando que viesse este momento, mestre Franz chegava á escola, dirigira-se para o seu logar e começara a trabalhar.

N'aquella manhã, a classe tinha lição de geographia. O sr. Bucher desenhava na pedra o mappa do imperio alleão, e, do lado esquerdo, no espaço vazio em que devia estar a França, escrevia estes dois nomes a letra pequena: *Champanne* e *Picardie*; — depois, em letra garrula, tão gran' te que duas vezes quebrava o *viz*, estes quatro nomes: *Flandern; Lothringen, Friegrafschapt e Burgund*.

Depois, voltar-se para a classe dizendo: «Agora, principiem! A fronteira com a côr azul e as divisões internas com a côr vermelha... Perceberam bem, não é assim?»

E, toda a classe começara a copiar o mappa, servindo-se, para desenharem primeiro a fronteira e em seguida as divisões internas, de lapis azul d'um lado e vermelho de outro, que o mestre distribuia a cada alumno n'aquellas occasiões. Depois, cada um pegava na sua penna e puzera-se a marcar a tinta o curso dos rios e os nomes das provincias e das cidades principaes.

Um dos primeiros a acabar a sua tarefa fôra Franz Hermann. Mas, em vez de descançar, principiara logo outra. Feito o seu mappa entendera na lreinte encostado á lombada d'um livro, de forma que lhe occultasse os miolos. Depois pegara n'uma folha de papel, dobrara-a em tres partes eguaes e, na primeira, estendera uma boa camada do lapis azul. Depois, deixando intacta a brancura da segunda, atacava a terceira com o lapis vermelho.

Porque era esta a partida que ruminava desde pela manhã.

Uma boa partida, não é assim?

O pequenito achava-a até duplamente boa, e não cabia em si d'alegria ao pensar que fabricava para o seu Fritz uma bandeira franceza com os lapis prustianos do patife do sr. Bucher.

Mas mal começava a avermelhar a sua ultima parte do mapa, quando a voz do mestre o interrompeu:

— Então, Franz Hermann, o que está a fazer? Não teve um leve sobresalto. Com ligeireza fez deslizar pela carteira a folha dobrada em tres partes e, com um movimento rapido e discreto, enfiou a entre o collete e a camisa.

— Eu? Nada, senhor, respondeu com a apparencia mais innocente do mundo.

— O quê? nada? E o teu trabalho?

— Está prompto.

— Prompto? Deixa cá ver.

E, circunsciando por entre as cateiras, o sr. Bucher chegou de frente do alumno Franz Hermann, que lhe deu a copia. Examina-a, com o sob'olho carregado, na attitude de quem procura um motivo de contenda, quando de subito uma onda de colera lhe enrubescera as faces.

— O que é isto? exclamou elle.

— Não? o quê? perguntou Franz com uma entoação em que transparecia a troça.

— Estes nomes, velhaquete? tornou o mestre pondo-lhe o mappa de frente dos olhos. Lá os em voz alta, se tens atrevimento para isso!

— *Flandre, Franche-Conté, Bourgogne, Lorraine*... lo documento o pequenito.

— Em logar de *Fladern, Friegrafschapt, Burgund e Lothringen*, hein? Porque é que não copistas estes nomes assim como estão na pedra?

— Porque essas provincias são francezas.

— Provincias francezas, sério? Este illustre senhor quer então saber mais do que o sr. Justus Peith, de Gotha, de quem tenho em cima da minha mesa o atlas... Provincias francezas?... Ora agora, germen do revoltoso, vou te ensinar a reformar a geographia!

E o sr. Bucher, após livido de raiva, agarrou Franz Hermann pelo braço, arrastou-o através a classe assustado, abriu a porta e, com um empurrão brutal atirou-o para fora.

Franz Hermann estava já no chão quando ouviu fechar-se violentamente sobre elle a porta da sala.

Ficou durante um momento estende-lido, atordado, depois levantou-se e levou a mão á cabeça. A testa bateu de encontro a uma pedra. Olhou para a mão, tinha-a vermelha de sangue.

Tirou o lenço da algibeira, dobrou-o e applicou-o sobre a ferida. Depois, estocicamente tomou o caminho de casa.

Quando chegou, não encontrou ninguém. O pae estava ainda na floresta, a mãe na offeina com o pequenito Fritz.

Franz entrou e, chegando-se a um pedaço de espelho pendurado na parede, descobriu a ferida.

Entre as duas sobra-celhas desenhava-se um profundo golpe. Livre do lenço que o comprimia, o sangue começou de novo a correr com força.

Então nos labios do pequenito um sorriso se esboçou.

Aproximou-se da mesa, sentou-se, tirou do collete o papel dobrado em tres partes, estendeu-o do lado onde se viam algumas riscas do lapis vermelho e, inclinando a cabeça viu o sangue cair em cima em grossas gotas, depois com o dedo, estendeu a bella côr vermelha mais bella sem duvida que a do lapis do sr. Bucher.

Entregue como estava, á sua tarefa, não ouviu abrir-se a porta da choupana. Apenas se voltou ao sentir que lhe tocavam no hombro. Era o pae de Franz que se inclinava para o filho.

— Eh! rapaz, quem te fez essa ferida? perguntou o rachador.

— Oh!... E que estás tu a fazer?

A creança descobriu o papel das tres cores: — O presente d'Anno bom para Fritz.

O rachador levantou o filho nos braços como uma penna.

— Abra-me pequenito! disse elle apertando o filho contra o peito

E enquanto o pae a estreitava, a creança sentiu uma lagrima ardente cair-lhe na fronte ensanguenta.

JOSÉ MONTEIRO

Um homem era accusado de ter roubado uma vacca, e não havia a minima duvida, porque umas poucas de testemunhas tinham visto o roubo. Escolheu, porém, um advogado, que empregou todos os recursos para embulhar a questão. Para isso fez as perguntas mais estapafúrdias e mais complicadas, procurando que as testemunhas se contradissem.

— Jura lhe viu o accusado tirar a vacca do campo onde pastava? perguntou elle a um testemunha, a quem já perguntara o mesmo dez vezes.

— Juro, sim senhor, respondeu a testemunha litigadissima.

— E que horas eram?

— Já disse que era ahí pelos meados da manhã.

— Mas eu é que não quero cá saber do meado da manhã; diga aos sr's jurados que horas eram precisamente.

— Oh! senhor, respondeu o seu vovô cavar a terra e semear batatas, não costume levar um relógio comigo.

— Mas tem relógio em casa?

— Tenho.

— E que horas eram n'esse relógio?

— Dez horas e dezenove minutos.

O advogado teve um relampago de alegria.

— A que distancia fica da sua casa o campo em que pastava a vacca.

— A coisa de dois kilometros.

O advogado piscou os olhos para os jurados: tinha apañado uma contradicção flagrante.

— Estou satisfeito, disse elle.

A testemunha foi-se embora, mas antes de sair parou e disse com um modo muito ingenuo:

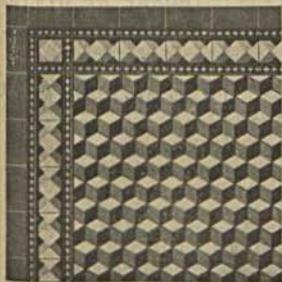
— Eu esqueci-me de dizer ao sr. advogado que o relógio que tenho em casa cá ha tempos e partiu se-lhe a corda, de fórma que marca sempre 10 horas e 19 minutos.

Imaginem a cara do advogado.

FABRICA DE LADRILHOS HYDRAULICOS

E

Officina de Marmorista



MARMORE

EM  
BRUTO, em T. BUAS  
e BL. O.

CIMENTO

Ladrilhos de ceramica

AZULEJOS

FORNECEDOR das mais grandiosas obras do Rio de Janeiro,  
tanto em marmore como em ladrilhos

Endereço telegraphico: BARBOSA-RIO

**Antonio Alves Barbosa**

R. DA AJUDA, 37 E 26

RIO DE JANEIRO

Fabrica Confiança de Gravatas

VENDAS POR ATACADO

Endereço telegraphico — GRAVATAS



**J. AZEVEDO & C.<sup>A</sup>**

Largo de S. Francisco de Paula, 4 B

RIO DE JANEIRO

# Novo Hotel do Guarujá

EMPRESA

MANUEL D'HUICQUE

ILHA DE SANTO AMARO

SANTOS (BRASIL)



## Artigos de menage

JOÃO CARDOSO

62, Rua do Carmo, 64

## Armazem de Novidades

TALHERES

Cafeteiras, manteigueiras, galhetos, etc.

## Crystaes de mesa

Copos, garrafas, jarros em serviços completos e avulsos.

## LÇUÇAS

Serviços de jantar

Serviços de almoço

Padrões e moldes absolutamente modernos de porcelana e faiança inglesa.

Artigos de 1.ª ordem

## BANCO

## Nacional Ultramarino

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Séde em Lisboa

Rua Nova d'El-Rei, 73

Succursaes em Moçambique e Loanda. Agencia em S. Vicente e S. Thiago de Cabo Verde, Benguela, Mossamedes, S. Thomé, Lourenço Marques e nas principaes terras do norte.

## ALFAYATERIA "CONFIANÇA"

R. dos Panqueiros, 101, 1.ª

JAYME PIRES &amp; COM.ª

Fazendas nacionaes e estrangeiras. Confeccoes para homens, senhoras e crianças. Fardamentos militares e todos os uniformes.

Preços resumidos

Fatos completos pretos, azues e em cores, de

65000 a 205000

Ditos de fazendas estrangeiras, de

185000 a 285000

Escollido sortimento em sobretudo, Doubles-capas e varinos d'Aveiro. Capas á hespanhola, fabrico especial da nossa casa, de

155000 a 255000



CESAR A. PAIVA

CIRURGIA DENTISTA

E

SUAS Magestades e Altezas

E do Hospital de S. José, Ameyros  
CONSULTORIO  
11. do Arsenal, 100, 1.  
LISBOA

## ARVORE DE NATAL

POR

Zuzarte de Mendonça

## Para as CRIANÇAS

200 réis

Livraria Central — Rua da Prata

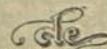
Dr. Oscar Leal. — Especialista em doenças de bexiga, coliculação de dentes e correção das deformidades nasas. Consultorio de 1.ª ordem a  
RUA DO CARMO, 35, 1.ª  
(CHIADO)

## Estamparia do Bolhão

Casa fundada em 1850

Rua Fernandes Tomar, 522

PORTO



Fazendas de seda e algodão  
NACIONALES  
ESTRANGEIRAS  
Tapetes, alfarras, jules  
OLEADOS  
PERFUMARAS  
MIUDEZAS  
etc.

## PSYCHOLOGIA DO CHAPÉO

«O estylo é o homem!» — Diziam Buffon, um Sabio de tom... Está provado, hoje em dia, Que era um erro de Buffon!

Um erro! um erro profundo, Digno de eterno labéu: Pois sabe hoje todo o mundo Que o homem... é o chapéu!

Acreditem! Não respinguem! E' a Sciencia que o diz: Pelos chapéus se distinguem Os genios e os imbecis!

Quando se encontra um sujeito Com um chapéu de forma vil, Amarrutado e mal feito, Diz-se logo: «Que imbecil!»

Mas quando alguém apparece Trazendo no cranco, ao sol, Um chapéu que resplandece, Que brilha como um pharol,

Um chapéu limpo, correcto, Que attrahe e seduz o olhar, Com o seu encanto secreto, Com a sua fórma sem par,

— Admirando o cavalheiro, Diz a gente: Sim, senhor! Ou é um grande banqueiro, Ou é um grande escriptor!

Pois bem! queres ter talento, Dominar a terra e o céo Com vôo do Pensamento? Quereis ter um bo'n chapéu?

A Sciencia não vos engana...

Tereis um chapéu ideal,

Comprando-o na Americana

Do Carvalho Portugal!

## CHAPELARIA AMERICANA

133, R. DO OUVIDOR, 133

— RIO DE JANEIRO —

## ARTHUR DE CARVALHO &amp; C.ª

## Casa especial

## DE OLEOS

IMPORTADORES DE KEROZENE

Rua do Rosario, 38

RIO DE JANEIRO

## Almanach illustrado

DO

## BRASIL-PORTUGAL

para 1903

PAPEL DE LUXO-200 GRAVURAS

Está á venda em todas as livrarias do costume

**ARMAZEM**

DO

**PARC ROYAL**M. NUNES & C.<sup>a</sup>

Completo sortimento de todos os artigos

DE USO PARA

Senhoras e para homens

OFFICINA de costuras.

FABRICA de perfumarias.

FABRICA a vapor de roupas brancas.

OFFICINA e DEPOSITO de calçado.

Exportação para todos os Estados da Republica

**IMPORTAÇÃO DIRECTA****Preços fixos sem competencia**

L. de S. Francisco de Paula, 8 a 14

**RIO DE JANEIRO****Chocolate****O MELHOR**

que se encontra no

**BRASIL**

é o de marca

**ANDALUZA****J. L. Martins**

19, Rua dos Andradas, 19

**RIO DE JANEIRO****A BRASILEIRA**  
**GASPAR PACHECO & C.<sup>a</sup>**

PREÇOS SEM COMPETENCIA — IMPORTAÇÃO DIRECTA

Exposições permanentes. Recebem-se novidades por todos os paquetes. Grande estabelecimento de fazenda. Modas, novidades e armario. Esta casa tem sempre os mais modernos tecidos em todos os generos.

Largo de S. Francisco de Paula, 24  
Ponto de **BONDS** de S. Christovam**RIO DE JANEIRO****FONSECAS, SANTOS & VIANNA**  
**BANQUEIROS**

R. d'EL-REI (VULGO CAPELLISTAS), 120

← LISBOA →

**SOCIOS:**Carlos Ferreira dos Santos Silva, Francisco da Silveira Vianna  
e Joaquim Pinto da Fonseca

Compram e vendem fundos publicos nacionaes e estrangeiros, accções de bancos e companhias. Tomam e' saccam letras sobre todas as praças estrangeiras e do reino: Recebem generos e fundos publicos á consignação. Recebem depositos em conta corrente a juro convencional, á vista ou a prazo. Fazem todas as operações de casa bancaria e de commissão.

**CAMBIO, LOTERIAS**

E

**Papéis de credito****VIERLING & C.<sup>a</sup> Limitada**

44, Rua do Arsenal, 46 — 1, Praça do Municipio, 3

**LISBOA**

Compram e vendem pelos melhores preços do mercado moedas de ouro, prata, notas de todos os paizes, papel bancario á vista e a 90 dias sobre as principaes praças estrangeiras e todos os papéis de credito nacionaes e estrangeiros cotados em bolsa.

Descontam os juros (coupons) internos e externos, vencidos e a vencer. Satisfazem todos os pedidos de bilhetes ou fracções de loterias nacionaes vindo acompanhados da respectiva importancia e despesa do correio.

# LIVRARIA

DE

## Jacinto Ribeiro dos Santos

LAFAYETTE. — Direito Internacional, 3 vol., 50,000; Direito das Coisas, 1 vol. enc., 50,000; Direitos de Família, 1 vol. enc., 30,000 réis.

ITAGIBA. — Posse Mancomunada de Direitos, 1 vol. broch., 10,000, enc., 12,000.

BENTO DE FARIAS. — Das Falências (Lei n.º 85) de 10 de Agosto de 1902 anotada de accordo com a doutrina, a legislação e a Jurisprudência, 1 vol. broch., 20,000, enc., 10,000.

CANDIDO DE OLIVEIRA. — Curso de Legislação Comparada (acum-se publicados ao fardo) preço de cada fascículo, 1,000 réis.

JOÃO VIEIRA DE ARAÚJO. — Breve dos Processos Penaes, 1 vol. enc., 15,000; Código Penal (interpretado) 3 vol. enc., 30,000 réis.

VIVEIROS DE CASTRO. — Questões de Direito Penal, 1 vol. enc., 12,000 réis.

PAULA PINHO. — Código do Processo Criminal, 1 grosso vol. enc., 10,000 réis.

BOEHLH. — Consultor Laurentino, 1 vol. enc., 15,000 réis.

MOHLEN CARVALHO. — Frase Forense, 2.ª edição anotada por Levidio Ferreira Lopes, 1 vol. enc., 10,000 réis.

MENEZES. — Prática de Inventários, Partilhas e Contas, 1 vol. enc., 10,000 réis.

T. DE FREITAS JUNIOR. — Assessor Commercial, 3.ª edição, anotada e em accordo com a legislação actual, 1 vol. enc., 15,000 réis.

SILVA COSTA. — Estado sobre a Satisfação do Damno, 1 vol. enc., 10,000 réis.

MITTENDRAGER. — Tratado da Prova em Matéria Criminal, 1 vol. enc., 10,000 réis.

ALFREDO VARELA. — Direito Constitucional Brasileiro, 1 vol. enc., 20,000 réis.

LELIO MARIANO. — Casamento Civil, 1 vol. enc., 12,000 réis.

ALBERTO DE CARVALHO. — Casos Cíveis Brasileiros, 1 vol. enc., 15,000 réis.

JOÃO RIBEIRO. — Historia do Brasil (curso superior) 1 vol. cart., 4,000; Historia do Brasil (primaria) 1 vol. cart., 1,000. Estudos Philologicos, 1 vol. broch., 2,000; Versos, 1 vol. broch., 500 réis.

A. HERCILIANO. — Lendas e Narrativas, 3 vol. broch., 3,000, enc., 10,000 réis.

GARRETT. — Camões, 1 vol. enc., 4,000, broch., 2,000 réis.

CAMELLO C. BRANCO. — Amor de Perdição, 1 vol. broch., 2,000; Correspondencia com Vieira de Castro, 3 vol. broch., 4,000 réis.

TEIXEIRA E SOUSA. — Fatalidade de 2 jovens, 1 vol. broch., 2,000 réis.

DUMAS FILHO. — Dama das Camélias, 1 vol. broch., 2,000 réis.

ABRAHE PRESVOST. — Historia de Manoel Leuzant, 1 vol. broch., 2,000 réis.

RODRIGUES. — Rosa do Adro, 1 vol. broch., 1,000 réis.

DUMAS. — Cade de Monte Christo, 4 vol. broch., 8,000 réis.

ALMEIDA. — Fennia, 1 vol. broch., 2,000 réis.

CAPENDU. — Karakólo, 3 vol. broch., 3,000 réis.

ROCHA. — Augusto e Olympia, 1 vol. broch., 2,000 réis.

FIGUEIREDO PIMENTEL. — O Terror do Marido, 1 vol. broch., 2,000.

GUERRA JUNQUEIRO. — Morte de João, 1 vol. broch., 2,000 réis.

LELIO DINZ. — Novellas da Ta Philologica, 1 vol. broch., 2,000 réis; Apprehensões de uma Mãe, 1 vol. broch., 2,000 réis.

H. SCHENKESZ. — Quo Vada, 1 vol. broch., 2,000; Os Cavalleiros de Cruz, 1 vol. broch., 2,000; Sigamudo, 1 vol. 300 réis.

THOMÉ DAS CHAGAS. — Novas Contas das Carochinhas, 1 vol. cart., 2,000 réis.

FERRERIA. — Confeitaria Nacional, 1 vol. com gravuras, 3,000; O Rei das Confeiteiros, 1 vol. cart., 2,000.

61, Rua Gonçalves Dias e S. José, 76

RIO DE JANEIRO

## PERFUMARIA

# L. Quarré

Fama conquistada pela perfeição

DOS

## PRODUCTOS

Preços de alguns productos:

Esmaltino, pó dentifricio, caixa.....	1,000
Pó de arroz, caixinha.....	3,000
Dito, dito, pacote.....	1,500
Loções, frasco.....	3,000
Amykos, elixir dentifricio, frasco.....	1,000
Agua de quina, frasco.....	2,500
Pó de sabão para barba, frasco.....	1,500
Agua de Melissa, frasco.....	2,800
Pasta dentifricia, boceta.....	1,500
Brihantina concreta, pote.....	2,000
Dita liquida, frasco.....	2,000
Oleo perfumado, frasco.....	2,500
Extractos para lenço, frasco.....	3,000 e
Agua de Colonia, frasco.....	4,000 e 6,000

## LICORES SUPERFINOS

DELICIOSAMENTE PERFUMADOS

MEIO LITRO 3\$000

DEPOSITO: Rua Gonçalves Dias, 40

Rio de Janeiro

 Adresse telegraphico AZOUGUE  
 Código — Ribeiro

 Caixa do Correo N.º 36  
 Telephone — 389

# MERCURIO

COMPANHIA DE SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

Auctorizada a funcionar por carta patente n.º 2



## Capital Réis 2.000:000\$000

Depósito no Thesouro Federal Réis 200:000\$000

Incorporada pela ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO

DO

RIO DE JANEIRO

 Endereço telegraphico LION  
 S. PAULO LION & C. CAIXA DO CORREIO N. 44

S. PAULO, SANTOS E HAMBURGO

BRASIL E ALLEMANHA

ESCRIPTORIO: R. do Commercio, 3

# CIMENTO PORTLAND

MARCA TORRE EIFFEL

 Da Lägerdorfer Portland Cement Fabrik  
 Hamburg-Allemania

QUALIDADE SUPERIOR

RESISTENCIA GARANTIDA

Usado com optimos resultados por empresas particulares e Obras Publicas da Europa, dos Estados Unidos da America do Norte e do Brasil. Approvado pela Repartição de Aguas e Esgotos de S. Paulo-Brasil.

IMPORTADORES e DEPOSITARIOS

# LION & C.

S. PAULO E SANTOS

Brasil.

FABRICA

DE

TECIDOS e FIAÇÃO

SANTA MARIA SOROCABA

PROPRIETARIOS:

ERNESTO ZSCHÖCKEL & C.<sup>A</sup>

Escriptorio Central:

S. PAULO — Rua S. Bento, 45

CAIXA POSTAL 96.

Endereço telegraphico: DUODECIMO.

ESPECIALIDADE da fabricação

BRINS e RISCADOS

RISCADOS

DANIEL MONTEIRO D'ABREU

Agente dos BANQUEIROS

PINTO DA FONSECA &amp; IRMÃO

DO

PORTO

SAQUES:

Sobre 300 agencias em Portugal e Ilhas

» 800 » » Hespanha

» 3.600 » » Italia e Syria

» Londres e Paris

Por conta dos BANQUEIROS

PINTO DA FONSECA &amp; IRMÃO

As letras entregam-se immediatamente

Rua 15 de Novembro, n.º 7.

(No edificio do Consulado de Portugal.)

S. PAULO (BRASIL)

DROGARIA

E

Perfumaria

DE

J. AMARANTE & C.<sup>A</sup>Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas  
nacionais e estrangeiras

Accessorios para pharmacias, vasilhames, etc.

Aguas minerais naturais de todas as procedencias.

Deposito permanente de todos os preparados  
nacionais de *Silva Araujo*, *Wernech*, *Orlando Rangel*, *Granado* e *Freire de Aguiar*.Completo sortimento de perfumarias dos  
mais afamados fabricantes francezes, inglezes e  
norte-americanos.

Rua Direita, 11.

S. PAULO (Brasil).

Caixa postal, 149.

Ao Boticão Universal

Primeiro Deposito  
de Artigos Dentarios

Na Capital do Estado de S. Paulo

Januario Loureiro

Rua de Bento n.º 16

Caixa Postal n.º 71 — S. PAULO

# VEIGA & C.<sup>A</sup>

104, Rua do Rosario, 104

## CAFÉ E COMISSÕES

Sacam sobre o BANCO ALLIANÇA do Porto e seus correspondentes e agentes em Portugal, ilhas, Hespanha, Italia, Paris e Londres e concedem cartas de creditos

ESCRITORIO

104, Rua do Rosario, 104

TELEGRAMMAS—VEIGA

Rio de Janeiro

# ANGELINO SIMÕES & C.<sup>A</sup>

Generos alimenticios de primeira qualidade  
De conta propria

Commissões e consignações  
Importação e transacções directas com as principaes praças do Brazil e da Europa

Vastos armazens nos novos predios recente e expressamente edificatos para este ramo de negocio em larga escala

Rua do Mercado, n.º 31

Rua do Rosario, n.º 1 a 5

Beco da bapados Mercadores, n.º 6 e 8

RIO DE JANEIRO

Ender. telegrap. ANGELINO

Caixa postal 1054

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccões

Com atelier de modista e alfayate

← ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO →

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadinhas de Santa Justa

# MARTINS, VIANNA, VAZ & C.<sup>A</sup>

CONCESSIONARIOS DE

F. F. VAZ & C.<sup>A</sup> e VIANNA, CASTRO & C.<sup>A</sup>

## Fabrica de marmelada

## Fructas em conserva

Assucar em grosso e refinado — Confeitaria  
— Molhados — Velas —  
Sabão — Kerozene — Oleos, etc.

Telegramma VAZ

Caixa postal — 484

154, Rua de S. Pedro, 155

67, Rua Andradas, 67

RIO DE JANEIRO

## CASA DOUX

DE  
BENAC, TEIXEIRA & C.<sup>A</sup>

(Successores de A. DOUX, e de DOUX & FERREIRA)

## ARMADORES E ESTOFADORES

O maior sortimento de moveis e tapeçarias

Incumbem-se de installações de aposento

RUA DO OUVIDOR, 60

Ender. teleg. — BENAC

← Telephone n.º 729

RIO DE JANEIRO

# ESCOLA ACADEMICA

Instituída em 1 de outubro de 1847

**Fundador — Antonio Florencio dos Santos**

DIRECTOR E PROPRIETARIO

**Jayme Mau Perrin Santos**

Bacharel formado em Philosophia e Medicina  
pela Universidade de Coimbra;

Lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa  
Medico dos Hospitales Civis

INSPECTOR DOS ESTUDOS

**Antonio Dias de Sousa e Silva**

Bacharel formado em Philosophia, com o curso  
de Mathematicas puras pela Universidade de Coimbra  
Curso Theologico no Seminario de Vizeu  
e Professor de Mathematica da Escola Academica desde 1874

## Distribuição do tempo dos alumnos internos

Levantam-se ás 5 1/4, excepto os da classe infantil. Seguem immediatamente para as salas de banho, onde todos tomam diariamente um banho geral d'aspersão, frio ou morno, conforme lhe está prescripto.

As **salas de banho**, installadas no centro dos dormitório, uma em cada andar, tem cada uma 17 banhos d'aspersão, separados uns dos outros, permitindo assim que 34 estudantes possam banhar-se e lavar se no mesmo tempo. Terminada a lavagem, regressam aos dormitórios, onde completam a sua *toilette*.

A's 6 1/4 dirigem-se as diferentes secções á Capella, rezam a sua oração da manhã e deszem em seguida para o andar das aulas, onde se distribuem conforme os cursos e respectivos annos, tendo o seu primeiro estudo das 6 1/2 ás 7 1/2 horas da manhã.

A's 7 1/2 é servido o almoço, que consta d'um prato de garfo, chá e pão com manteiga. Terminado o almoço, ás 8 horas, tem recreio até ás 9 horas.

Das 9 horas ao meio dia, 1.º período de aulas, havendo ás 10 e 11 horas pequenos intervallos, que permitem a mudança dos professores e o descanso dos alumnos.

Do meio dia ás 2 horas da tarde interrupção geral de todos os trabalhos litterarios. Durante este periodo tem lugar o *lunch* e as aulas de recreio: — gymnastica, dança, jogos de florete e de pau, esgrima, musica theorica e instrumental. Todos os alumnos são obrigados á frequencia d'estas aulas (sem pagamento especial para isso), estando divididos em grupos, que alternam durante este periodo na frequencia d'estas aulas e nos recreios e jogos (Lawn-tennis, Malha e Croquet).

Das 9 horas, ceia, que consta de leite e pão.  
Em seguida dirigem-se as diferentes secções á Capella, rezam a oração da noite e recolhem aos dormitórios.  
Nos domingos e dias sanctificados levantam-se ás 6 1/2. Depois do almoço, assistem á missa na Capella da Escola e á explicação do Evangelho do dia, feita pelo capellão.  
A's 11 horas ouvem uma pequena prelecção sobre assumptos de hygiene, feita pelo Director.

Das 2 ás 4 horas, 2.º período de aulas, havendo ás 3 horas o intervalo no essario para as mudanças dos professores e descanso dos alumnos.

A's 4 horas, jantar, que consta de sopa, dois pratos, vinho e sobremesa, conforme a *tabella das refeições que corre impressa*.

Das 5 ás 7, recreio geral nos terraços, jogos ou salas de recreação, estando ali os alumnos divididos em 5 secções, conforme as suas idades.

A's 7 horas, estudo geral nas suas respectivas aulas, que dura até ás 9 horas da noite, excepto a instrução primaria, cujo trabalho termina ás 8 1/2 da noite.

A's quartas e sabbados, Jas 8 1/2 ás 9, uma das 5 secções, em que os alumnos internos estão divididos, tem uma catechese do capellão da Escola para o seu ensino moral e religioso e explicação da doutrina christã.

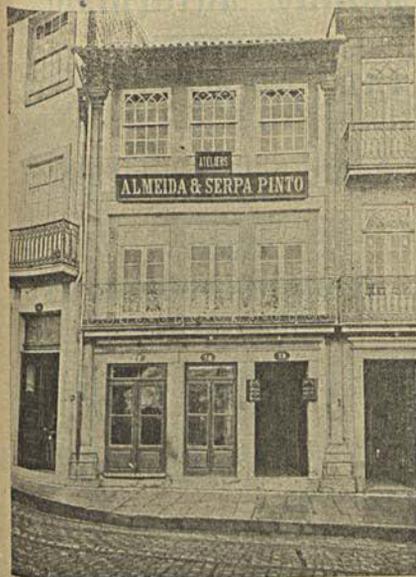
A's 9 horas, ceia, que consta de leite e pão.  
Em seguida dirigem-se as diferentes secções á Capella, rezam a oração da noite e recolhem aos dormitórios.  
Nos domingos e dias sanctificados levantam-se ás 6 1/2. Depois do almoço, assistem á missa na Capella da Escola e á explicação do Evangelho do dia, feita pelo capellão.

A's 11 horas ouvem uma pequena prelecção sobre assumptos de hygiene, feita pelo Director.

¹ Durante este periodo tem lugar os ensaios da fanfara e da tuna, dirigidos pelos respectivos professores, e as aulas especiaes de musica.

Lisboa e secretaría da Escola Academica, aos 11 de abril de 1901. O DIRECTOR — MAUPERRIN SANTOS.

## Modas e confecções



Ultimas Novidades de Paris,  
Londres e Berlim

# ALMEIDA & SERPA PINTO

Succ.<sup>s</sup> de Almeida & C.<sup>a</sup>

**PORTO - PORTUGAL**

ATELIERS DE MODAS

dirigido por uma modista franceza

**PRAÇA CARLOS ALBERTO, 33 A 38 A**



Aux Dames Élégentes  
 GRANDES ATÉLIERS  
 DE  
 COSTURA E CHAPEUS



Especialidade em toilettes para baile, theatro e passeio  
 Enxovaes para casamentos  
 Sempre grandioso sortimento em capas, paletots e outros abalos  
 de novidade

FIGUEIREDO & SILVA  
 I. RUA DO THEATRO, I RIO DE JANEIRO

# Grande HOTEL



O mais conceituado e respeitavel para famílias

No centro da cidade

Accomodações de luxo.

Ar, luz e conforto.

Bonds á porta—Preços sem competencia

PROPRIETARIO  
**CARLOS SCHORCHT**

R. de S. Bento, 49.

S. PAULO (Brasil).

# Moinho Matarazzo

F. MATARAZZO & C.<sup>A</sup>

3:000 saccos diarios

DAS

MARCAS

LILI—LIDIA—CLAUDIA—TOSCA  
 IDA E OLGA

SEMMOLA DE PRIMEIRA QUALIDADE

Rua Monsenhor Andrade, 88.

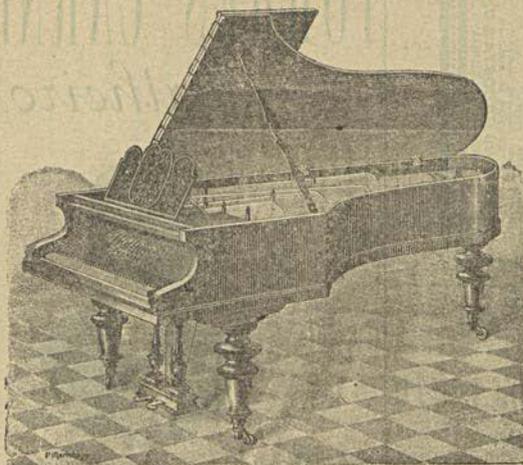
ESCRITORIO:

Rua 15 de Novembro, 26.

S. PAULO (BRASIL)

## PIANOS DE PLEYEL

Unico depositario dos pianos de JULIUS BLUTHNER



Unico depositario dos pianos de JULIUS BLUTHNER

GAVEAU, BORD, SCHEIDMAYER, FRIED-BUSCHMANN e de outros autores

Todo e qualquer artigo para reconstrução de pianos — Vendas por preços módicos e garantidos

No conhecido estabelecimento de pianos e musicas. Oficinas para reconstrução de pianos, harmonium e impressão de musicas. — Encaixotamento especial para os mesmos instrumentos.

ANTIGA CASA

BUSCHMANN &amp; GUIMARÃES

MANUEL ANTONIO GUIMARÃES

Successores de Buschmann Guimarães &amp; Irmão

Telephone n.º 449

50 — Rua dos Ourives — 50

RIO DE JANEIRO



## GABINETE HYDROTHERAPICO

do Dr. Mauperrin Santos

Médico de ectras J. Mauperrin Santos  
Médico de ectras J. Silveira d'Almeida

Instalação hydrotherapica completa; duas salas de banho para homens e senhoras, inteiramente separadas e independentes; gabinete annexo d'electricidade e massagem. Massagem e gymnastica medica, dirigida por C. de Sousa. Tratamento de doenças nervosas e do estomago.

Aberto das 8 às 12 da manhã e das 3 às 5 da tarde.

ESTABELECIMENTO: CALÇADA DO RIQUE, 80  
CALÇADA DA GLÓRIA, 15 LISBOA

## Bilhares de precisão

COM A

Celebre tabella americana

MONARCH

PANNOS, TACOS, BOLAS  
e todos os accessorios

Jogos diversos de novidade

Cartas, Tentos e Fixas

Para todos os jogos

Viuva de José Alexandre de Senna

23 — Rua Nova do Almada — 30

(Casa fundada em 1834)

LISBOA Figueira e Castelgo Illustrado

## AGENCIA FINANCIAL

DE PORTUGAL

Rua General Camara RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

SAQUES SOBRE PORTUGAL

pagaveis pelo Banco DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THE-SOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sédes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O Agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS

LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL.  
Capital social 2.400.000.000 réis  
13.600.000.000  
Inscrição no Registo de 1914  
PREMIOS PREMIAS E RESSARCIMENTOS  
Registre-se nos termos, segundo  
de que se trata  
Equador Atlantique e Union Maritima  
Companhia Brasileira de Seguros de Fianças e de Seguro de Vida  
Directores—Lima, Marré & Filhos.  
LISBOA—Rua da Prata, 59. 2.º



ATELIER DE ALFAYATE



ANTONIO DO COUTO

Premiado na Exposição  
Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas  
nacionais e estrangeiras

Rua do Alecrim, 111, 1.º — LISBOA

Cimento Portland



Qualidade superior garantida  
O MAIS ECONOMICO DE TODOS OS CIMENTOS  
UNICOS IMPORTADORES:

Antonio Miguel & Comp.

RUA DIREITA, 46--S. PAULO (Brasil)

Companhia Geral do Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo—juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2, de 10 a 60 annos. Empréstimos de conta corrente: a juro de 5 1/2 e commissão de 1/8 1/2 de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 1/2 1/2 á ordem e 3 1/2 ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 1/2 ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto e a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que se olve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia. s

TORRES CARNEIRO  
Joalheiro



Rua dos Ourives, 74-A  
RIO DE JANEIRO

FOSFIODOGLICINA

DE

Lemos & Filhos

Superior ao oleo de fígado de bacalhau,  
Superior ás emulsões oleosas,  
Superior a todos os depurativos,

na cura das Escrophulas, Rachitismo,  
Lymphatismo e Tysica incipiente

Medicamento e alimento, este producto dá resultados seguros e rapidos no tratamento das doenças acima indicadas, quer em creanças quer em adultos. E' agradável á vista, ao olphato e ao paladar. Tem a opinião favoravel de professores da Escola Medica, directores dos hospitais, asyls e dispensarios, notáveis medicos eminentes especialistas.

Ensaiado com exito seguro em todas as casas de beneficencia do Porto.

MARCA E NOME REGISTRADOS

Frasco, 600 réis; caixa de 6 frascos, 36300 réis; caixa de 12 frascos, 68200 réis.

PRODUCTO EXCLUSIVO DA

Pharmacia de 1.ª classe, Lemos & Filhos, Porto

Telephone. 309

31, PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 31-A

Cuidado com as imitações e fraudes

A' venda em todas as boas pharmacias e drogarias do paiz

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

# FORMICIDA SCHOMAKER

NOVO INVENTO PRIVILEGIADO

**Infallivel na destruição completa dos formigueiros pela produção continua de gazes após sua applicação**

O Formicida Schomaker não é sulfureto de carbono, como são todas as marcas de formicidas até hoje conhecidas. E' um novo invento de fórmula inteiramente diversa e de effeito infallivel, como provam os attestados já publicados de agricultores comp tentissimos.

O conteúdo de uma lata de Formicida SCHOMAKER deve ser adicionado a 13 litros d'agua, produzindo assim cerca de 17 litros do poderoso formicida.

Logo que a lata seja aberta deve IMMEDIATAMENTE ser despejada n'uma vasilha que contenha cerca de 13 litros d'agua, e ser constantemente agitado todo o liquido com uma varinha de madeira afim de ficar bem misturado.

Tendo-se de extinguir mais de um formigueiro, torna-se necessaria a agitação constante detodo o formicida á proporção que se fór usando, para serem aproveitadas as substancias chemicas que possui.

O Formicida SCHOMAKER é o unico que, após sua applicação, trabalha por si, produzindo gazes toxicos em extraordinaria abundancia, muito pesados e de grande densidade, em produção continua e prolongada por mais de 60 dias, sendo natural e espontanea a dita produção de gazes, isto é, sem provocação artificial.

O Formicida SCHOMAKER vem substituir os antigos foles e as diversas machins e prestar re. l. servico á lavoura, por destruir completamente os formigueiros onde fór applicado de accordo com o modo de usar que se recommenda.

O Formicida SCHOMAKER é tambem magnifico adubo para as terras, por conter phosphoro, sendo o unico formicida que póde ser manipulado com essa substancia, por ser privativa do seu privilegio.

Para evitar falsificações, previne-se que a lata de formicida SCHOMAKER miautos depois de vazia começa a desprender fumaça, que são gazes de que a mesma ficou impregnada.

O Formicida SCHOMAKER está á venda em todos os Estados da Republica

Unicos depositarios—THE DIN, RODRIGUES & C.<sup>A</sup>

11, Rua General Camara, 11

RIO DE JANEIRO

BRAZIL-PORTUGAL

15

Os mais puros e genuinos vinhos do mundo

ANTIGA E UNIVERSALMENTE AREDITADA CASA

## Ferreirinha

da PORTO e REGO

(FUNDADA EM 1751)

VINHOS VELHOS DE 1812 E 1815

(Conserva espedial)

Recomendados pelos Srs. medicos para os anemicos, diptropicos, dentes e convalescentes

VINHOS ADAMADOS

Bastardo, Malvasia e Moscatel

muito apreciados por todas as sultoras

Marcas para o commercio

Vinho -- Ferrerinha -- Fumeiro -- Anguieras e Cosmopolita

Á venda em todas as confectarias, Hotels, Botiquins,

Armazens e Vendas

Deposito — RUA 1.ª DE MARCO, N.º 17 — RIO DE JANEIRO

POSSUCA & SA

SAQUES sobre Portugal, rillas, Hespanha, Italia, Paris e Londres



# FABRICA DE TECIDOS DE LÃ E ALGODÃO



## BERGMAN KOWARICK & C.<sup>o</sup>

Endereço Teleg.: BERKO—S. Paulo

Estação de S. Bernardo

ESTADO DE S. PAULO—BRASIL

Escriptorio — Casa C. P. VIANNA — Rua do Commercio, 11 e 13

**S. PAULO**

## C. P. VIANNA & C.<sup>A</sup>

Successores da antiga casa de J. P. de Castro & C.<sup>o</sup>

IMPORTADORES E COMMISSIONARIOS

Unicos agentes no Estado de S. Paulo, das

### AGUAS MILAGROSAS

de Lambary e Cambuqueira

Agentes da Companhia de Seguros maritimos e terrestres

### LLOYD AMERICANO

Caixa postal n.<sup>o</sup> 31.

Endereço teleg.: — «VANINA».

Código teleg.: — RIBEIRO.

R. do Commercio, n.<sup>os</sup> 11 e 13.

**S. PAULO (Brasil).**



PORTO  
REGISTRADA  
MARCA DE COMMERCCIO

VINHOS VELHOS

LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

DE

Londres, 1862; Porto, 1865; e Paris, 1867 e 1878

ANTIGA CASA

## João Eduardo dos Santos

Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuínos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR

PORTO

